



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

**CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO**

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL EM  
REDE (PROFLETRAS)**

**UNIDADE DE ITABAIANA**

**GILDETE CECILIA NERI SANTOS**

**OS EFEITOS DE SENTIDO DAS MANCHETES DE  
JORNAIS POPULARES COMO INCENTIVO À  
LEITURA DE JORNAIS**

**Orientador: Prof. Dr. José Ricardo Carvalho**

**Itabaiana, SE**

**2015**

**GILDETE CECILIA NERI SANTOS**

**OS EFEITOS DE SENTIDO DAS MANCHETES DE  
JORNAIS POPULARES COMO INCENTIVO À  
LEITURA DE JORNAIS**

Trabalho de Conclusão Final (TCF)  
apresentado junto à Universidade Federal de  
Sergipe para a obtenção do grau de Mestra  
Profissional em Letras – PROFLETRAS, sob a  
orientação do professor Dr. José Ricardo  
Carvalho.

**Itabaiana, SE  
2015**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA PROFESSOR ALBERTO CARVALHO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

S237e Santos, Gildete Cecilia Neri  
Os efeitos de sentido das manchetes de jornais popularescos  
como incentivo à leitura de jornais / Gildete Cecilia Neri Santos;  
orientador José Ricardo Carvalho. – Itabaiana, 2015.  
89 f.

Dissertação (Mestrado em Letras)– Universidade Federal de  
Sergipe, 2015.

1. Linguística textual. 2. Gêneros textuais. 3. Leitura - jornais.  
4. Língua Portuguesa – ensino fundamental. I. Carvalho, José  
Ricardo, orient. II. Título.

CDU 81'42



Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
Universidade Federal de Sergipe  
Campus Prof. Alberto Carvalho  
Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede (PPLP)  
Unidade Itabaiana

Ata da sessão pública de defesa de Trabalho de Conclusão Final (TCF) para obtenção do título de Mestre em Letras, apresentado por Gildete Cecília Neri Santos, em 05 de agosto de 2015 ao PROFLETRAS-Unidade de Itabaiana.

Aos treze dias do mês de agosto de dois mil e quinze, às 17h30min, no miniauditório do Campus Itabaiana, da Universidade Federal de Sergipe, reuniu-se a Banca Julgadora da defesa de Trabalho de Conclusão Final (TCF) de Gildete Cecília Neri Santos apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede (PPLP), Unidade de Itabaiana, constituída pelos professores doutores: José Ricardo Carvalho da Silva (PROFLETRAS-Ita), como Presidente da Banca, Verônica dos Reis Mariano Souza (UPS), como examinadora interna, e Leonor Werneck dos Santos (UPRJ), como Examinadora externa à instituição; para analisar o trabalho da candidata, apresentado sobre o título: OS EFEITOS DE SENTIDO DAS MANCHETES DE JORNAIS POPULARES COMO INCENTIVO À LEITURA DE JORNAIS. O presidente declarou abertos os trabalhos, a seguir a referida mestranda dissertou sobre o seu trabalho e foi arguida pela Banca Julgadora. Terminada a exposição e arguição, a banca reuniu-se e deliberou pela aprovação do Trabalho de Conclusão Final (TCF) de Gildete Cecília Neri Santos, fazendo jus ao título de Mestre em Letras.

Parecer: A banca destaca a importância do trabalho para a discussão sobre a leitura de jornais na sala de aula e sugere algumas modificações na organização da dissertação.

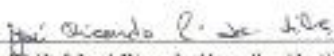
Nada mais havendo a tratar, a Senhora Presidente encerrou a sessão, da qual eu, Helena Joenilza Costa Santos, secretária, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será assinada pelos presentes.

Helena Joenilza Costa Santos  
Helena Joenilza Costa Santos  
Secretária PROFLETRAS-ITA




SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO  
Programa de Pós-Graduação em Letras (Pós-graduação em Letras) (PPLP)  
Cidade: Aracaju

36  
37  
38  
39  
40  
41  
42  
43  
44  
45  
46  
47  
48  
49  
50  
51  
52  
53

  
Prof.º Dr.º José Ricardo Carvalho Da Silva  
Presidente da Comissão Julgadora

  
Prof.ª Dr.ª Verônica dos Reis Mariano Souza  
Examinador interno

  
Prof.ª Dr.ª Leonor Werneck dos Santos  
Examinadora Externa

  
Gildete Cecília Neri Santos

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho aos meus pais,  
irmãos e ao meu sobrinho Benício.*

## AGRADECIMENTOS

De todos os ensinamentos que aprendi no seio familiar, gratidão era o que mais meus pais despertavam nos meus irmãos e em mim. Ninguém chega a lugar algum sozinho, sem qualquer ajuda e comigo assim foi.

Deus, Pai zeloso e amoroso, e Sua Mãe, intercessora e medianeira de todas as graças, nunca me falharam, nem quando eu me sentia sem chão e fraca. Eles sempre davam um ‘jeitinho’ de me mostrar que estavam sempre ali cuidando de mim. Para isso, fizeram de várias pessoas instrumento desse amor sem fim.

Os primeiros foram os meus pais, Acrísio Cezar e Genize. Vocês não fazem ideia do quão forte é a torcida liderada por eles dois pelo meu sucesso. Sempre incentivando, acreditando que eu seria capaz e, principalmente, rezando fervorosamente para que tudo fosse do jeito que Deus prometeu aos seus filhos queridos.

Meu irmão, Cezar Alexandre, é um parceiro da vida. Quem me entende sem que eu fale uma única palavra, por quem eu sinto uma admiração como a de uma fã por seu ídolo, uma criança por seu super herói. Obrigada, meu irmão, padrinho, compadre e sempre professor da vida. Luzia Victória, minha irmã, também merece os meus agradecimentos. Sempre solícita e amável, é minha companheira de risadas e choros. Minha cunhada, Sheniah Tahan, que é mais uma irmã dada por Deus e mãe do meu presente Benício, meu sobrinho-afilhado tão amado e responsável pelo brilho dos meus olhos.

Meus avós paternos, Acrísio Daniel e Maria Cecília, me deram muito mais que amor, me deram garra, responsabilidade e muito dengo. São os melhores avós do Brasil! Não pude conviver com meus avós maternos, João e Gildete, mas eles nunca são esquecidos e sei que intercedem por mim no céu.

Meus tios e primos enchem meus dias de alegria e atenuam os pesos inevitáveis que a vida de gente grande traz. Em especial, o sempre disponível tio Sérgio, que faz questão de dizer que gosta mais de mim do que dele mesmo!

Aos meus amigos do coração que me amam, me esperam e respeitam minha ausência neste momento que me exigiu clausura.

Aos meus colegas de trabalho, que têm tanta confiança em mim e no que desenvolvo em sala de aula. Agradeço, ainda, aos meus alunos, com quem exerço o que escolhi desde pequena. Como vocês são amados! Como acredito no potencial de vocês! E como quero que vocês avancem ainda mais! Muito, muito obrigada sempre!

Aos meus companheiros de turma de mestrado. Sempre prontos para ajudar! Destaco aqui Silvana, Josi e Alisson, com quem dividi não apenas as orientações, mas também os medos, angústias e torcida pela completude do trabalho de maneira satisfatória. Além deles, o meu grande amigo Wagner, que dividiu comigo o volante nas idas a Itabaiana, dividiu sua sabedoria e, mais que tudo isso, dividiu o seu ombro amigo quando pensei que não seria capaz de prosseguir.

À professora doutora Maria Emília, primeira orientadora, que me apresentou os estudos discursivos e aceitou caminhar comigo, mesmo com suas limitações de saúde. Ao especialíssimo professor doutor Ricardo, que acolheu minha pesquisa e a mim de braços abertos, acreditando que eu chegaria ao fim, mesmo quando nem eu acreditava. Minha gratidão eterna!

Aos professores das disciplinas de mestrado que abriram meus horizontes para diversas discussões que eu desconhecia, melhorando a minha prática docente. Cito a professora doutora Márcia Mariano, que sempre me encantou com suas pesquisas e o professor doutor Carlos Magno, coordenador de curso disponível e sempre cheio de soluções.

À professora doutora Lilian França, que compôs a banca da minha qualificação e foi meu elo para que eu conhecesse o jornalista Guga Oliveira, ex-diretor e fundador do jornal SuperPopular, meu objeto de pesquisa. Guga foi de suma importância na conclusão deste trabalho e agradeço imensamente seus ensinamentos e sua disponibilidade.

Ao grande amigo Ítallo, que me deu todo suporte necessário na construção do produto a ser executado pelos professores com os alunos.



À banca examinadora do meu trabalho, as professoras doutoras Leonor Werneck e Verônica Mariano, exemplos de pesquisadoras e donas da minha admiração, por terem aceitado prontamente o convite para conhecer e avaliar a minha pesquisa e por contribuírem com suas experiências a fim de enriquecer a prática sugerida.

À Capes, pelo apoio financeiro durante a minha pesquisa.

E, finalmente, ao meu amor, Thadeu Vinícius. Ele que estava/está sempre ao meu lado torcendo, puxando as minhas orelhas para que cumprisse os prazos e não esmorecesse, me dando incondicional apoio nas minhas empreitadas pessoais e profissionais. O homem que Deus reservou para mim e modelo de pesquisador, de profissional e, mais que tudo, de ser humano!

## RESUMO

Neste trabalho, apresentamos uma proposta de atividades crítico-discursivas em língua materna por meio de unidades didáticas que tomam como análise os efeitos de sentido subjacentes a manchetes e notícias de jornais popularescos. Tomamos como fonte para o estudo de caso o jornal *Superpopular*, de Aracaju, semanário veiculado entre 27 de janeiro de 2011 e 27 de março de 2014, principalmente no estado de Sergipe. Nossa motivação para uma incursão pedagógica junto a jornais popularescos se deu pelo uso constante de gírias, piadas, provérbios e fraseologias cotidianas no gênero textual manchete jornalística, que apresenta acentos apreciativos ao mesmo tempo chocantes, bem humorados e sensacionalistas. Julgamos que a análise deste *corpus*, sob a perspectiva teórica da Linguística Textual (LT) neste trabalho, permite a adesão dos discursos sutilmente perpetuados por ele e coteja os deslocamentos de sentidos presentes nessas manchetes e notícias a partir da intertextualidade, como nos enunciados já consolidados na memória do leitor, tais como provérbios, músicas e ditados populares. Isso permite, inclusive, atividades acerca do efeito militante e lúdico que tais construções morfossintático-semântico-lexicais trazem, a fim de despertar nos alunos da Educação Básica uma leitura crítico-discursiva deste gênero textual. Assim, numa abordagem qualitativa, apresentamos, ao fim deste trabalho e em formato de mídia móvel, atividades passíveis de aplicação pedagógica, principalmente junto a turmas do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental.

**Palavras-chave:** Deslocamento de sentidos. Ensino-aprendizagem. Jornais populares. Jornal *Superpopular*. Leitura crítico-discursiva. Língua Portuguesa.

## ABSTRACT

In this work, we propose critical-discursive activities in mother tongue through teaching units that analyze the effects of meaning behind headlines and news in popular newspapers. We take as a source for the case study the newspaper *Superpopular*, from Aracaju, aired weekly from January 27, 2011 to March 27, 2014, mainly in Sergipe-Brazil. Our motivation for an educational proposal work through popular newspapers was due to the constant use of slang, jokes, proverbs and everyday phraseology, which features shocking, humorous and sensational questions in their headlines. We believe that the analysis of this *corpus*, from the theoretical perspective of Text Linguistics (TL) allows the accession of speeches subtly perpetuated, and collates the effects of meaning presented in these headlines and news through intertextuality, as in proverbs, songs and popular sayings consolidated in the reader's memory. These activities also allow attention to the militant and playful effect that such morphosyntactic-semantic-lexical constructions bring in order to awaken a critical-discursive reading of this genre in basic level students. Through a qualitative approach, we present, at the end of this work and in a mobile media format, pedagogical activities, especially targeting 6th to 9th junior high school graders.

**Key words:** Meaning shifts. Teaching-learning process. Popular newspapers. *Superpopular* newspaper. Critical-discursive reading. Portuguese language.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	13
CAPÍTULO 1: ASPECTOS TEÓRICOS RELEVANTES NO USO E NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA .....	15
1.1. O ENSINO DE LEITURA EM LÍNGUA MATERNA E SEUS USOS SOCIAIS .....	15
1.2. DISCUSSÕES ACERCA DA INTERTEXTUALIDADE .....	19
1.2.1. A ENUNCIÇÃO PROVERBIAL .....	23
1.2.2. DÉTOURNEMENT .....	27
1.2.3. PARÓDIA E PARÁFRASE .....	31
CAPÍTULO 2: QUESTÕES DE DOMÍNIO JORNALÍSTICO .....	34
2.1. A ENUNCIÇÃO JORNALÍSTICA .....	34
2.2. GÊNERO TEXTUAL NOTÍCIA SENSACIONALISTA .....	36
2.3. CONTEXTUALIZAÇÃO DO JORNAL SUPERPOPULAR .....	39
CAPÍTULO 3: A APLICAÇÃO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO E PERTINÊNCIA NO <i>CORPUS</i> .....	41
3.1. QUESTÕES METODOLÓGICAS .....	41
3.2. ANÁLISE DO <i>CORPUS</i> .....	42
CAPÍTULO 4: PROPOSTA DE ANÁLISE DE TEXTOS: APLICABILIDADE .....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	86

## INTRODUÇÃO

A leitura crítica é uma habilidade importante na formação cidadã, uma vez que amplia horizontes de expectativas motivado pela conscientização do seu papel na sociedade contemporânea. Como uma proposta eficaz e realista do processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, advogamos que o uso frequente de *gêneros textuais secundários*, conceito proposto por Bakhtin (2003), na sala de aula ajuda os alunos a amadurecer sua visão de mundo e sua compreensão leitora, capacitando os discentes para que os objetivos pedagógicos de Língua materna sejam alcançados.

Assim, neste trabalho, apresentamos uma proposta pedagógica por meio de notícias de jornais populares, incitando o diálogo entre escola e sociedade, trabalhando assuntos que dizem respeito ao ambiente social em que o aluno/cidadão está inserido e estabelecendo ligações de modo a capacitar o leitor/aluno a participar ativamente de discussões sociais e atuar em sua comunidade com responsabilidade e consciência cidadã. Uma vez que, em sua maioria, estes trazem textos curtos, adotam um acabamento gráfico mais chamativo, trazem em suas notícias linguagem diferenciada do jornal tradicional e se valem de recursos como o humor e enunciados já conhecidos pelo público, como os provérbios, aproximando o seu leitor, estas notícias anunciam o assunto da notícia fazendo algum jogo de palavras de modo a atribuir um efeito de sentido que a linguagem literal não traria de forma sutil.

Sob a perspectiva da Linguística Textual, o objetivo deste trabalho é analisar os deslocamentos de sentidos em notícias de jornais populares, em especial do jornal *Super Popular*, veiculado em Aracaju-Sergipe no estado de Sergipe entre 2011 e 2014. Examinamos o alcance destes efeitos em alunos do segundo ciclo do ensino fundamental da Educação Básica – 6º ao 9º ano. Sendo a leitura de jornais uma prática pouco frequente entre os alunos, temos como anseio uma abordagem pedagógica que estimule sua leitura crítica.

Neste trabalho, buscamos respostas para as seguintes questões: a) Jornais populares conseguem mesmo atrair a atenção dos alunos do Ensino Fundamental, no nosso caso, da rede pública de ensino para a leitura constante deste gênero secundário do discurso? b) Os alunos conseguem perceber o tom depreciativo das manchetes?

A base metodológica utilizada na pesquisa foi de abordagem qualitativa e consistiu na aplicação de um questionário semiestruturado com o público escolhido. A pesquisa contou com a seleção de notícias do jornal *SuperPopular*. Nelas continham exemplos de deslocamentos de enunciados já enraizados na memória coletiva da sociedade.

Nas discussões que apresentaremos, o aluno terá de reconhecer o enunciado anterior ao da manchete para interpretar o efeito de sentido desejado para, assim, relacionar a informação construída com a realidade da comunidade em que ele está inserido, transformando-a ao ultrapassar a barreira do senso comum – de apenas decodificar as mensagens acriticamente.

Além do material impresso, disponibilizamos como produto desta pesquisa uma mídia móvel (CD-Rom) de elaboração da autora deste trabalho, contendo o material teórico-metodológico aqui disposto, as atividades do capítulo final e questões inéditas, passíveis de uso pedagógico com sugestões de respostas. A intenção é que professores tenham ainda mais material passível de discussão e aplicação em sala de aula acerca do *corpus* aqui analisado.

## **CAPÍTULO 1: ASPECTOS TEÓRICOS RELEVANTES NO USO E NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Em prol da discussão e em auxílio ao histórico problema da falta de leitura no Brasil, ficamos em questões centrais sobre o tema. Uma destas problemáticas, certamente, é o acesso a livros de diversos gêneros, uma vez que os alunos de rede pública tendem a ler apenas um material cotidianamente: o material didático. Para os demais, não faltam justificativas, dentre os quais, são apontados o alto preço ou a falta de informação acerca de seu possível acesso.

Este primeiro capítulo apresenta, no âmbito teórico, temas que envolvem a compreensão de sentidos na recepção de leitura. Serão apresentados conceitos como intertextualidade, *détournement*, enunciação proverbial, paródia e paráfrase, uma vez que tais temáticas, presentes no *corpus*, auxiliam numa leitura crítica e eficaz de textos jornalísticos. Em busca de uma descrição mais fiel do contexto do ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa no Brasil, também apresentamos discussões acerca leitura, norma(s) e educação sociolinguística.

### **1.1 O ENSINO DE LEITURA EM LÍNGUA MATERNA E SEUS USOS SOCIAIS**

Historicamente, o ensino de Língua Portuguesa no Brasil traz como particularidades a supervalorização da norma padrão e uma abordagem gramatical descontextualizada em detrimento das variantes sociolinguísticas. Além disso, não eram comuns aulas de Língua Portuguesa – doravante LP – que desenvolvessem a criticidade e a participação social e política do aluno. Nosso trabalho como professores de LP é reconhecer diversidades linguísticas e evitar desigualdades no contexto escolar e extraescolar por meio do idioma – presente no Brasil como resultado da injustiça social. Como preconizados pelos documentos oficiais relacionados à Educação, tais como os PCN e o PNLD, devemos enxergar a diversidade linguística enquanto fator de enriquecimento sociocultural e não como obstáculo ao papel educativo da escola.

O professor tem como função apresentar essa variação que a língua permite, mas sem exaltar ou diminuir quaisquer que sejam elas. Afinal, a sociedade já as mostra não como diferentes e possíveis de coexistirem, mas como desiguais e alvos de preconceito.

Em sua grande maioria, a variação mais aceita é aquela que atende aos falantes de maior prestígio político, social, econômico – as chamadas *normas urbanas de prestígio*. (PNLD, 2011, p. 52) Os indivíduos que não seguem às normas urbanas de prestígio sofrem estereótipos, são julgados e recebem um estigma negativo.

Não queremos aqui desmerecer o ensino e/ou importância do ensino de uma norma, mas atentar que a língua é situacional, moldada de acordo com o meio que o falante está exposto e, para ser aceito e compreendido, ele vai escolher uma ou outra variante linguística. A correção do correlato não padrão deve ser feita no contexto que lhe cabe, o escolar. Afinal, essa é a finalidade de o aluno frequentá-la – aprender uma variante/norma de prestígio para ascensão socioeconômica, pois, os manuais a seguem, as avaliações para ingresso em universidades também, e é a variante esperada para uma boa posição no mercado de trabalho. O docente deve mostrar em que contextos as variantes do convívio do aluno são aceitas e não marginalizá-las.

A escola também deve fugir dos mitos de que

existe uma forma ‘correta’ de falar, o de que a fala de uma região é melhor da que a de outras, o de que a fala ‘correta’ se aproxima da escrita, o de que o brasileiro fala mal o português, o de que o português é uma língua difícil, o de que é preciso ‘consertar’ a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. (BRASIL, 1998b, p. 31)

Seria ingenuidade da nossa parte, achar que nosso aluno não sabe diferenciar o que não é uma norma urbana de prestígio pelo seu contexto. Podemos, inclusive, ilustrar tal relação com as vestimentas que escolhemos para cada situação – não usamos terno na praia, nem biquíni na igreja – para ratificar o que acontece com a língua.

Labov (2003) reconhece a variedade que o falante assume para adequar-se ao contexto imediato do ato de fala e responsabiliza a escolha de determinada variante pelas relações do falante com o ouvinte, sobretudo, a relação de poder existente entre eles, pelo contexto social de inserção e tópico ou assunto a ser tratado. Sendo língua também uma afirmação identitária, o preconceito linguístico nada mais é que preconceito social, que normalmente parte daqueles que dominam a variante padrão e, consequentemente estão no topo das pirâmides socioeconômicas.

O silogismo de que quem fala ‘errado’ não estudou e se não estudou é ‘burro’ deve ser desmistificado por nós, professores de Língua Portuguesa, explicado e exemplificado, fugindo do corriqueiro ‘porque sim’ dos docentes que não veem lógica nas construções não padrão feitas pelos alunos. Cabe aos docentes apresentar que “o que



a sociedade chama de erro é, então, um desencontro entre a produção do falante e a expectativa dos ouvintes, em função do contexto social onde a interação se processa”. (BORTONI-RICARDO, 2013, p. 48)

Logo,

a intervenção do professor, quando da produção oral de seus alunos, será sempre para ajudá-los a encontrar outra variante mais adequada ao evento de fala. Já a intervenção do professor, diante de uma transgressão da ortografia, será para prover a forma gráfica canônica, que não permite variações. (BORTONI-RICARDO, 2013, p. 56)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), os PCN, propõem um ensino pautado na consideração dos interesses, direitos e deveres dos discentes com o objetivo de acabar com a ideia de insucesso das aulas de LP. Acredita-se que a falha está no (não)ensino de leitura e estímulo à produção escrita. Porém, o estímulo à leitura não é tarefa fácil.

Os alunos veem a leitura na sala de aula não como uma atividade prazerosa e como parte de sua formação cidadã, mas como uma prática repetitiva e maçante. Os textos, normalmente, não respeitam seus gostos pessoais e o professor, muitas vezes, também sem motivação, não procura atender estes sinais. Os professores que resistem a esse comodismo e procuram fazer um trabalho diferenciado se deparam com alguns empecilhos, como a falta de biblioteca na escola ou, quando há, um acervo desatualizado ou que tratam de “narrativas sugeridas pelas editoras de acordo com a faixa etária, que são lidos em casa e avaliados em sala, por meio de atividades inadequadas” (SANTOS, 2011, p. 66), os chamados livros paradidáticos.

Os livros paradidáticos pouco estimulam a criação e confirmação de hipóteses interpretativas críticas por trazerem questionários que perguntam apenas sobre o enredo, cenário e personagens. O percurso que o leitor faz a partir do texto envolve a mobilização do seu imaginário, uma vez que não há confirmação das suas hipóteses interpretativas. O seu conhecimento de mundo funciona como quadros de referências que o leitor precisa fazer para que a leitura tenha sequência coesa nessa interação.

O texto precisa dar uma atitude emancipadora, que é atingida quando a interpretação é distante do senso comum para o leitor, modificando sua visão de mundo anterior a essa leitura, seja aceitando ou rejeitando o discurso daquele texto. O professor tem, então, papel importante nessa construção de sentido e cidadania. Como nosso *corpus* não diz respeito a uma literatura ficcional, mas relatos de fatos relevantes que

aconteceram na sociedade, de caráter jornalístico, a atenção e trato com o texto devem ser aumentados, pois dizem respeito à formação crítica daquele aluno enquanto ser social, trazendo mudanças não apenas para o seu contexto escolar, mas para a sua comunidade.

Só há a transformação a partir do momento que há o questionamento das leituras em relação ao seu próprio contexto sociocultural. O processo de recepção do texto e transformação do sujeito é iniciado antes mesmo do contato com o texto em si. Ela tem seu ponto de partida nas experiências sócio-histórico-culturais do aluno. Ao defrontar-se com o texto, o receptor pode aquietar-se ou manifestar-se sob possível perturbação ou complacência de discursos.

O texto não pode causar total estranheza ao sujeito que lê. Por isso, no *corpus* aqui trabalhado, os provérbios são como facilitadores de compreensão porque são enunciados que fazem parte da sua memória discursiva social. Ao ler a notícia, nosso objetivo não é apenas que ele fique informado de algo que aconteceu no seu contexto geográfico, mas almejamos reflexões sobre as escolhas linguísticas do jornal e suas implicações enquanto formador de opinião, quais reações ele quer provocar, além de discursos e crenças que ele quer perpetuar.

Para Koch e Elias (2012, p. 11),

o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos e não algo que preexistia a essa interação. A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.

O aluno dá-se conta de que essas interações são a construção do texto e lhe transformam não apenas enquanto discente, mas enquanto ser social ativo em sua comunidade. As alterações feitas em si ampliam o grau crítico, bem como os anseios desse leitor enquanto indivíduo e enquanto grupo. O papel do docente para o sucesso desse processo é de provocação e não de influência nas conclusões que devem partir dos alunos.

Uma vez que diversos depoimentos reais expõem que ler não é uma atividade prazerosa, mas enfadonha, remetendo a alguma obrigação, sem fins de entretenimento, em termos de avaliação da leitura, e que há alunos com analfabetismo funcional conseguem decodificar letras e números, mas não abstraem sentido disso, não os

interpreta, as teorias pedagógicas são cientes e militam para que o aluno seja estimulado o máximo possível.

Em consequência de uma lacuna no repertório leitor, os textos produzidos por esses alunos têm a probabilidade de ser incoerentes e sem ligação, dificultando a recepção efetiva. Para sanar tal lacuna, foi criado o PISA – *Programme for International Student Assessment* – Programa Internacional de Avaliação de Estudantes, um programa desenvolvido em determinados países com o objetivo de avaliar alunos na faixa dos 15 anos, idade pressuposta de término da Educação Básica em vários países, matriculados a partir do 8º ano do Ensino Fundamental. No Brasil, o órgão responsável por aplicar esse exame é o Inep – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira –, cujos resultados servem para nortear e auxiliar discussões acerca da qualidade da educação, a fim de basear políticas que elevem o nível de ensino e aprendizagem.

A avaliação observa até que ponto os alunos são proficientes em *Leitura*, *Matemática* e *Ciências*, sendo que, em 2015, haverá a adição de novas áreas do conhecimento: *Competência Financeira* e *Resolução Colaborativa de Problemas*, em determinados níveis. Além disso, fatores demográficos, socioeconômicos e educacionais são levados em consideração, pois se aplicam questionários não apenas para o alunado, mas também para o corpo docente e gestor, focando em variantes que implicam no resultado da avaliação discente.

Estes dados do PISA demarcam a necessidade de novas estratégias acerca do ensino de leitura. No Brasil, claramente estes dados nos colocam numa situação trágica, na qual apresentamos níveis baixos de letramento. Motivados por esta questão, esperamos, com esta pesquisa, contribuir para índices mais positivos por meio de nossa proposta de intervenção em aulas de língua materna.

## **1.2 DISCUSSÕES ACERCA DA ‘INTERTEXTUALIDADE’**

Segundo Costa Val (1999, p. 3), o texto é “a unidade linguística comunicativa básica” e para ser considerado como tal precisa dos nós de coerência e de coesão para uma recepção significativa por parte do coenunciador. Este processo envolve a intertextualidade, que diz respeito à incorporação de outros textos, no intuito de aderir ou transformar o primeiro sentido.

A intertextualidade é, portanto, a inserção de um texto já solidificado na memória social em um novo texto. De acordo com Koch e Elias (2012, p. 86),

a intertextualidade é elemento constituinte e constitutivo do processo de escrita/leitura e compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado texto depende de conhecimentos de outros por parte dos interlocutores, ou seja, dos diversos tipos de relações que um texto mantém com outros textos.

Um intertexto pode dialogar tanto com elementos textuais como extratextuais, como, por exemplo, imagens, vídeos ou gráficos. No *corpus* aqui descrito, o jornal se utiliza de imagens e de texto verbal, sendo suas referências a textos anteriores nítida. No exemplo “Santos Dumont está cheio de aviõezinhos” (ed. 35, p. 6), para compreender o efeito de sentido que o jornal quer causar no leitor, é necessário uma série de informações de ordem sociohistórica, político-econômico-cultural. No repertório, espera-se deste coenunciador: saber quem foi Santos Dumont e qual a sua criação mais conhecida, o avião; saber relacionar esta informação com o bairro Santos Dumont, do município de Aracaju, Sergipe; conhecer a gíria ‘aviãozinho’, que diz-se daquele que alerta os traficantes quanto à presença da polícia, além de ser o transportador da droga<sup>1</sup>.

**Figura 1** – Santos Dumont e os aviõezinhos



**FONTE:** Jornal SuperPopular, 22 de setembro de 2011, edição 35, página 6

Para Bakhtin (2003, p. 291), “cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados”. Podemos, então, afirmar que a efetivação da leitura e compreensão de um dado texto só se concretiza a depender do repertório de leitura(s) do

<sup>1</sup> Consulta feita no **Dicionário InFormal**. Disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br/avi%C3%A3ozinho/> Acessado em 03 jun. 2015. Ministério Público do Estado do Ceará. Hiperlink: [http://www.mpce.mp.br/orgaos/CAOCRIM/legislacao/grupogestordeunidades/girias\\_detentos.pdf](http://www.mpce.mp.br/orgaos/CAOCRIM/legislacao/grupogestordeunidades/girias_detentos.pdf) Acessado em 03 jun. 2015.

leitor, uma vez que a manchete supracitada pode não fazer sentido para quem não conhece os elementos destacados (Santos Dumont - aviõezinhos), bem como os sentidos pluralizados que eles podem ter.

A ligação entre o enunciador e o coenunciador é dada pelo conhecimento de mundo e conhecimento partilhado que eles possuem. Segundo Koch e Travaglia (2001, p. 60), o primeiro é de fundamental importância, pois estabelece o sentido do texto à medida que trata de um assunto já conhecido pelo receptor. Logo, “o conhecimento de mundo desempenha um papel decisivo no estabelecimento da coerência”.

Porém, os conhecimentos de mundo de cada sujeito são diferenciados e o que os ligam são os conhecimentos comuns – partilhados. O texto traz significação para o receptor quando há o compartilhamento desses conhecimentos, trazendo informações conhecidas e novas. A construção não pode ser totalmente conhecida porque pode causar enfado no leitor por não alterar seu conhecimento, nem tampouco pode ser completamente nova, por causar estranhamento no coenunciador e dificultar sua compreensão.

Koch e Elias (2012, p. 78) afirmam que “também é importante destacar que a inserção de “velhos” enunciados em novos textos promoverá a constituição de novos sentidos”. Ou seja, os sentidos são dados pelos leitores de acordo com o seu conhecimento de mundo sobre o assunto, partilhados com o conhecimento de mundo do enunciador, e o contexto em que o ‘novo’ discurso é inserido também é um fator determinante na construção de sentido do enunciado.

Segundo estas autoras, a intertextualidade pode ser classificada em explícita e implícita. No primeiro caso, podemos perceber claramente o texto anterior que foi utilizado, porque ele traz uma citação de sua fonte, como é comum em trabalhos acadêmicos. Por outro lado, reconhecemos uma intertextualidade implícita quando é necessário o esforço do leitor para a percepção de um texto anterior, valendo-se de sua memória social, conforme citado no exemplo acima, afinal, não há “citação expressa da fonte” no caso da biografia de Santos Dumont ou mesmo da gíria ‘aviãozinho’ em Português brasileiro. (KOCH; ELIAS, 2012, p. 92).

Koch, Bentes e Cavalcante (2007, p. 30) afirmam que

Tem-se a intertextualidade implícita quando se introduz, no próprio texto, intertexto alheio, sem qualquer menção explícita da fonte, com o objetivo quer de seguir-lhe a orientação argumentativa, quer de contraditá-lo, colocá-lo em questão, de ridicularizá-lo ou argumentar em sentido contrário.

Em nosso *corpus*, por algumas características do gênero discursivo – notícia sensacionalista, há predominância de intertextualidade implícita. Nele, o receptor recupera sentidos já conhecidos para relacioná-los aos novos, inferindo o objetivo do enunciador ao fazer determinadas combinações linguísticas. Deve-se levar em conta que não há possibilidade de maiores explicações, dada à extensão de uma manchete no suporte jornalístico – até 30 caracteres.

Na manchete “Maconha em cima da geladeira, é fria” (ed. 32, p. 4), apenas a relação da temperatura do aparelho geladeira ser fria não contempla o sentido da manchete por inteiro. A gíria “estar numa fria” como caracterização de uma situação problemática e de difícil solução para o sujeito noticiado completa o efeito de sentido e esclarece o objetivo do locutor ao utilizar esse jogo vocabular.

**Figura 2 – Maconha na geladeira**



**FONTE:** Jornal SuperPopular, 1 de setembro de 2011, edição 32, página 4

Um leitor de jornal tende a ter uma visão mais global dos enunciados, pois certos gêneros textuais promovem mais intertextualidade, como no nosso *corpus*, que exige do leitor um conhecimento de mundo de diversas áreas, pois estas notícias fazem menção, em seus enunciados, a canções, provérbios e/ou gírias. Par atal, discutiremos a seguir recursos linguísticos presentes destas manchetes e notícias, próprios da coerência e coesão textuais.

### 1.2.1 A enunciação proverbial

No conceito de polifonia postulado por Ducrot (1980; 1984), num texto, há vozes que nos levam a identificar vários sentidos. Estes sentidos são construídos sob influência do nosso conhecimento de mundo, ideologias e valores. Nessa teoria polifônica, defende-se a ideia de que, em cada texto, há a existência de mais de um enunciador, com pontos de vista diferentes.

De acordo com Santos & Leusa (2011, p. 62),

[...] podemos inferir que a característica polifônica na manchete de capa de jornal é resultado do contato dessa mídia, enquanto veículo de comunicação de massa, com um contexto sócio-histórico diversificado e que reúne segmentos sociais heterogêneos. E isso não poderia ser de outra forma uma vez que também o próprio jornal integra esse universo e reproduz, através dele, memórias discursivas esquecidas, discursos naturalizados e toda uma gama de ideias e pensamentos produzidos através de filtros ideológicos.

A classificação polifônica é tomada porque, na enunciação de provérbios, inúmeras enunciações anteriores são retomadas, como se, por meio da sua produção, outras produções fossem recordadas, cabendo ao coenunciador a atividade de percepção do provérbio, com suas cargas linguísticas e sociais por meio de sua memória.

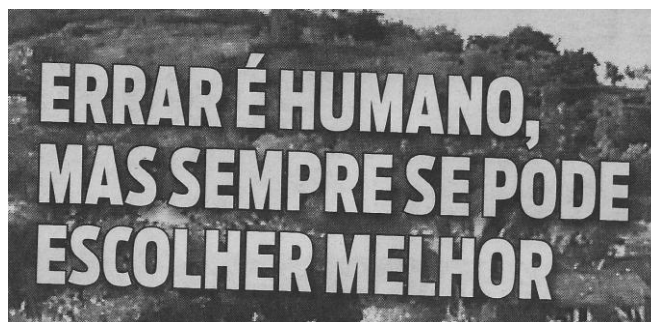
A enunciação proverbial é, portanto, considerada polifônica. Os provérbios são orações já conhecidas tanto pelo enunciador quanto pelo coenunciador. Desta maneira, supõe-se seu entendimento tão logo sejam ativados pela memória. Como os enunciados proverbiais normalmente são curtos, sua memorização é fácil e sua estrutura costuma ser estável com duas partes. A rima também é um artifício deste gênero com semelhanças fonético-fonológicas, sintáticas e semânticas.

O provérbio “Errar é humano” cuja autoria é atribuída ao escrito latino Sêneca (4 A.C. – 65 D.C.)<sup>2</sup> atenta para a imperfeição do ser humano e é um enunciado largamente conhecido e utilizado. No nosso *corpus*, a manchete “Errar é humano, mas sempre se pode escolher melhor” (ed. 34, p. 2) rememora o provérbio supracitado, porém, neste uso, o jornal reconhece a imperfeição humana, mas não a vê como pretexto para cometer novos erros ou manter antigas falhas.

---

<sup>2</sup> <http://ahduvido.com.br/as-origens-das-expressoes-e-proverbios-populares> - Ah Duvido!!

**Figura 3 – Errar é humano**



**FONTE:** Jornal SuperPopular, 15 de setembro de 2011, edição 34, página 2

A autoria de grande parte dos provérbios é creditada à sabedoria popular – uma instância arcaica que possui posição hierárquica em relação ao então enunciador e seu ouvinte. No âmbito da Paremiologia, ciência que estuda os provérbios, Xatara e Succi (2008, p. 35) afirmam:

provérbio é uma unidade léxica fraseológica fixa e, consagrada por determinada comunidade linguística, que recolhe experiências vivenciadas em comum e as formula como um enunciado conotativo, sucinto e completo, empregado com a função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, repreender, persuadir ou até mesmo praguejar.

Dessa maneira, podemos perceber provérbios enquanto uma unidade léxica fraseológica fixa que divide sua ‘autoria’ com os enunciadores que irão proferir tal sentença mesmo não sendo seus criadores originais. Maingueneau (2011, p. 170) afirma:

Em certo sentido, o enunciador do provérbio é corresponsável pela assertiva: na medida em que a ‘sabedoria popular’ é, na realidade, a própria comunidade dos locutores de uma língua, cada locutor é indiretamente um dos membros dessa instância. Essa filiação, contudo, só pode ser indireta, pois a sabedoria popular transcende os locutores reais, provém dos remotos tempos, de uma experiência imemorial.

Os provérbios são largamente usados com efeito pedagógico, mas não estritos ao contexto escolar, uma vez que trazem ensinamentos, lições que podem ser aplicadas à vida de uma forma geral. É comum, também, que os enunciados proverbiais tenham teor humorístico, a fim de divertir o coenunciador enquanto o aconselha. São frases prontas que remetem a verdades e a atitudes e, por ser um enunciado largamente conhecido, promove uma economia linguística em sua interpretação, dispensando maiores explicações.



Os provérbios tendem a ser proferidos por enunciadores mais experientes, não necessariamente em termos etários, conferindo ao enunciador um caráter superior em relação ao receptor, uma vez que, ao trazer um ensinamento, infere-se que o coenunciador merece tal lição, outrora desconhecida, sendo que a forma didática apresentada por meio do provérbio facilita a compreensão.

Introduzindo o *Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos*, Hernani Donato (1974, p. 6) afirma:

É raro criança citar um ditado. Por vezes, na sequência de um diálogo ou no desenvolvimento de uma situação, repetem um provérbio ouvido. Fazem-no, para justificar-se, defender-se. Já as moças, com o serem recatadas, conformadas, gregárias, invocam-nos, ajeitando-nos à gama e ao grau de emotividade dos seus problemas. Mães servem-se deles para exemplificar, educar, advertir, incentivar (...) Os homens, pais, conselheiros, desejosos de fazer valer sua experiência, tomam com frequência material adequado, no formulário da vasta paremiologia caipira.

Muitos dos provérbios produzidos contemporaneamente são, na verdade, de origem latina, grega, chinesa ou árabe, o que demonstra intertextualidade, disseminados por meio dos milenares contatos interétnicos. Alguns destes provérbios podem ter sofrido câmbio geográfico, o que impossibilita certas filiações e mesmo que sua origem pátria possa ser reconhecida, suas autorias raramente o são, sendo creditadas à sabedoria popular. Fato excepcional são os provérbios de cunho bíblico, atribuídos ao Rei Salomão, de origem hebraica.<sup>3</sup>

Independentemente da origem do coenunciador, os provérbios sempre objetivam advertir ou aconselhar, intencionando a perpetuação de uma ideologia ou comportamento moral. Os provérbios bíblicos, por exemplo, buscavam difundir a crença hebraico-judaico-cristã aos demais povos. Outro caso interessante diz respeito à filiação linguística. No caso de provérbios de origem clássica – greco-latina, por sua genealogia, podem ser encontrados, por exemplo, em português, italiano, espanhol, francês e outros idiomas, sem prejuízo semântico ou remissão direta à sua procedência original, assim como o contrário também é verídico, de encontramos provérbios derivados de outra língua sem qualquer relação semântica.

Mesmo que o falante consiga compreender provérbios e seus sentidos em sua língua materna ou mesmo estrangeira, ele raramente é capaz de determinar sua autoria

---

<sup>3</sup> De *Provérbio.com*. Disponível em  
<<http://www.deproverbio.com/display.php?a=4&f=DPbooks&r=VELLASCO/INTRODUCAO.html>>  
Acesso em: 09 maio 2015.

e, quando determina, não há acréscimo ou suspensão de sentido, pois seu objetivo é a aplicabilidade no discurso cotidiano, o que configura a chamada sabedoria popular como globalizadora desses enunciados, uma vez que certos provérbios foram criados há muitos anos, quiçá séculos, milênios e, ainda assim, são aplicáveis hodiernamente independente da sua origem. Podemos concluir que os provérbios fazem referência ao comportamento humano e que essas frases cristalizadas acabam por perpetuar alguns comportamentos também, uma vez que certos usos são feitos sem distinção.

O uso dos provérbios é generalizado e pulverizado no discurso cotidiano, seja na literatura, no discurso pedagógico ou familiar, na mídia, entre outros, metaforizando a nossa linguagem referencial. Podemos encontrar provérbios tradicionais sendo reconfigurados, como nos casos: “É dando que se recebe” por “É dando que se engravida”; “A união faz a força” por “A União faz o açúcar”, fazendo referência à marca de açúcar.

No *corpus* aqui analisado, os provérbios são utilizados nas manchetes por serem como uma âncora, um chamariz que atrai a atenção do leitor para o corpo da notícia. Dessa maneira, o lide da notícia – “primeiro parágrafo do texto jornalístico, contendo as respostas às seis perguntas consideradas básicas: o que, quem, quando, onde, como e por que?”<sup>4</sup> – traz algo familiar ao coenunciador, despertando o seu interesse, como no exemplo: “Escreveu não leu... o pau comeu!” (ed. 39, p. 4). Nele, a manchete mantém o provérbio sem que haja acréscimo ou suspensão de algum vocábulo para noticiar que um jovem estava se passando por estudante, usando uniforme escolar para se aproximar de alunos e assaltá-los. O provérbio original é utilizado como ameaça àqueles que não cumprem suas tarefas completamente, fazendo menção às escolas “de antigamente” que puniam alunos que não finalizavam suas atividades satisfatoriamente por meio de palmatórias. Hoje é usado para expressar que uma tarefa, promessa ou ação não cumprida trará consequências negativas para o agente.

Figura 4 – O pau comeu



<sup>4</sup> *Blog Jornalismo Geral*. [lead.html](http://lead.html)> Acesso em: 20 jun. 2015.

r/2013/02/o-que-e-lide-

### 1.2.2 *Détournement*

Essa intertextualidade promovida nos provérbios é o que Maingueneau e Grésillon (1984) chamam de *détournement*. Diz respeito ao deslocamento que o enunciador faz com um provérbio largamente conhecido, a fim de beneficiar-se dele, seja pela estratégia da *captação* – quando seu valor semântico converge com o sentido original do provérbio – ou pela *subversão* – estratégia que modifica o valor semântico proverbial desqualificando em nome de interesses de diversas ordens. Exemplos com a estratégia de *captação* são mais difíceis de ser encontrados em textos jornalísticos. Quanto ao caso de *subversão*, temos o caso da manchete “Lugar de pedestre é na rua” (ed. 2, p. 10), que aparece contrariando a ideia de trânsito internalizada de que os carros trafegam nas ruas e os pedestres nas calçadas para denunciar o abandono de entulhos e materiais de construção nas calçadas de bairros da capital sergipana.

Figura 5 – Pedestre na rua



FONTE: Jornal SuperPopular, 3 de fevereiro de 2011, edição 2, página 10

Ainda à luz de Maingueneau e Grésillon (1984), observam-se dois tipos de *détournement*: um do tipo *lúdico* e outro de tipologia *militante*. No primeiro caso, diz-se quando as trocas feitas a partir do enunciado popular inicial são feitas sem compromisso com adesão ou repulsão ideológica, ou seja, meramente pela troca linguística.

Por outro lado, classifica-se o deslocamento como *militante* quando o efeito de sentido sugere uma nova direção interpretativa, orientando-se argumentativamente por

ela. Por exemplo, em “As crianças e os coroas da Coroa” (ed. 33, p. 5), o jogo linguístico só é compreendido por leitores cientes da existência do bairro Coroa do Meio, em Aracaju-Sergipe. A primeira menção aos coroas refere-se a pessoas com mais idade em relação ao falante, enquanto a segunda menção diz respeito ao bairro.

**Figura 6** – Crianças e coroas



**FONTE:** Jornal SuperPopular, 8 de setembro de 2011, edição 33, página 5

Koch, Bentes e Cavalcante (2007, p. 45), no entanto, propõem que todo tipo de *détournement* é militante – de maior ou menor grau –, uma vez que este fenômeno sempre modifica o enunciado e leva o receptor a produzir novos sentidos. As autoras sugerem, ainda, que este conceito seja aplicado não apenas a provérbios, mas a qualquer forma de intertextualidade que modifica o texto primário. Há a conservação na memória do sujeito de um conjunto de ditos que expressam uma série de crenças, atualizando-os com sentido próximo ou às avessas.

Não corroboramos completamente da assertiva de que há militância em todos em deslocamentos, uma vez que há a possibilidade de jogos de sonoridades e vocabulares sem estratégia política entre o enunciado primário e o novo, apenas pela alusão do texto-base em prol de outros objetivos como o risível.

Esse deslocamento linguístico só é legitimado quando o receptor consegue inferir a troca e reconhecer o texto-base, como no exemplo do nosso *corpus*: “Meu partido é um coração partido” (ed. 106, p. 7), com referência à canção *Ideologia*, dos compositores brasileiros Cazuza e Roberto Frejat. Ao ler a manchete, o leitor infere algum tipo de conflito partidário e retoma o trecho da canção. Este artifício é feito para chamar a atenção do leitor e criar um tipo de depreciação de determinado grupo

político, uma vez que o jornal não o elogia, sutilmente apresentando suas marcas ideológicas e sugerindo a adesão do receptor, mesmo que indiretamente.

**Figura 7 – Coração partido**



**FONTE:** Jornal SuperPopular, 31 de janeiro de 2013, edição 106, página 7

Quanto ao emprego do *détournement*, conceito aplicado na análise do nosso *corpus*, estas mudanças situam-se tanto no nível semântico – havendo a convergência ou o distanciamento do sentido primário do enunciado-base –, quanto no nível do significante – valendo-se de artifícios linguísticos como trocas fonêmicas, causando um efeito fonológico alterado, como no exemplo da manchete do caderno policial: “Suíno quase escapa ‘por porco’” (ed. 34, p. 4). O apelido do infrator é Suíno, adjetivo relativo a porco, e o deslocamento é feito pela expressão *por pouco* que é modificada por *por porco*.

**Figura 8 – Por “porco”**



**FONTE:** Jornal SuperPopular, 15 de setembro de 2011, edição 34, página 4

Para Koch, Bentes e Cavalcante (2007), as operações linguísticas que levam ao *détournement* são de variadas ordens, como quando (a) há substituição de uma palavra por outra – “Se essa rua fosse minha, eu mandava asfaltar” (ed. 39, p. 12), com a permuta do vocábulo *ladrilhar* por *asfaltar* –, ou (b) adição de novo(s) vocábulo(s) – “Ele perde a cabeça e a mulher, a língua” (ed. 1, p. 3) com a expressão *perder a cabeça* (diz-se quando a pessoa sai do seu auto controle, age sem medir suas consequências) –,

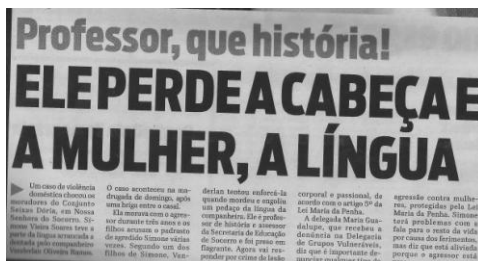
(c) supressão de algum termo completa ou parcialmente ou por transposição, invertendo a ordem linear do provérbio, sem exemplos no nosso *corpus*.

**Figura 9** – Se essa rua fosse minha



**FONTE:** Jornal SuperPopular, 20 de outubro de 2011, edição 39, página 12

**Figura 10** – Professor, que história!



**FONTE:** Jornal SuperPopular, 27 de janeiro de 2011, edição 1, página 3

Não é raro encontrar essas estratégias em textos publicitários ou jornalísticos, sendo seu(s) efeito(s) de sentido alcançado(s) de acordo com o contexto de produção e leitura, além do uso de outros recursos, como o apelo imagético. Tal apelo pode ser notado no nosso *corpus*, uma vez que praticamente todas as notícias vêm acompanhadas de uma foto do acontecimento como recurso multimodal.

O poder da imagem é salientado, pois reaviva experiências do receptor, despertando uma memória individual e/ou coletiva, configurando o que Charaudeau (2013, p. 255) define como *evocação*, que influencia e perturba o efeito de sentido dado pelo leitor à determinada notícia. De modo geral, o coenunciador a relaciona a uma imagem ou fato anterior a ele, e estando tal fato guardado em sua memória, há a perturbação do seu “efeito de transparência, pois interpretamos e sentimos a imagem, ao mesmo tempo, através da maneira pela qual ela nos é mostrada e através de nossa própria história individual e coletiva.” (CHARAUDEAU, 2013, p. 255).

Nas atividades sugeridas ao final deste trabalho, tratamos o termo *détournement* como *deslocamento de sentido*, uma vez que o questionário é direcionado aos alunos do segundo ciclo do Ensino Fundamental da Educação Básica. Julgamos o termo cunhado em português mais acessível aos alunos e de melhor compreensão.

### 1.2.3 Paródia e Paráfrase

A paródia e a paráfrase são fenômenos de intertextualidade, uma vez que envolvem a utilização e referência a outros textos. Fuchs (1994, p. 130) afirma que “a paráfrase linguística pode ser definida como relação de equivalência semântica”, ou seja, podemos interpretá-la como uma construção de mesmo sentido do seu texto-base ou, ainda, como uma explicação do texto-base. A reiteração de conteúdos presente na paráfrase é também uma construção de novos textos, mesmo que com sentidos semelhantes.

Corroboramos com a ideia de paráfrase de Castilho (1998, p. 75) como

transformação progressiva do mesmo (sentido idêntico) no outro (sentido diferente). Para redizer a mesma coisa, acaba-se por dizer outra coisa, no termo de um processo contínuo de deformação negligenciáveis, imperceptíveis.

A retomada de textos-matrizes com a manutenção das ideias originais enfatiza a primeira construção, mas, em menor ou maior grau, há mudanças na nova construção. Koch (2002) afirma:

Cabe ressaltar, porém, como na recorrência de termos, que, a cada reapresentação do conteúdo, ele sofre alguma alteração, que pode consistir, muitas vezes, em ajustamento, reformulação, desenvolvimento, síntese ou precisão maior do sentido primeiro. (KOCH, 2002, p. 122).

Meserani (1998) classifica a paráfrase em dois tipos, pois, para ele, há alterações no novo texto. O primeiro tipo é a *paráfrase reprodutiva*, que se configura quando há uma explicação do primeiro discurso quase que literalmente, como no caso dos jornais, que precisam ser fiéis na reprodução dos acontecimentos. Faz substituições semânticas, com o intuito de excluir lacunas na compreensão.

O segundo tipo é chamado de *paráfrase criativa*, ou seja, há a ampliação de novos significados. O texto não é uma mera reprodução, ele recebe influências do

repertório do novo enunciador e se distancia do enunciado-base, colocando-o como fonte, mas sem as trocas linguísticas fiéis da paráfrase reprodutiva. Essa transgressão atingida não implica numa mudança de sentido, mas numa expansão dos conceitos do texto, a fim de reafirmá-lo semanticamente. Quando o leitor faz suas interferências, a proposta da leitura satisfatória é atingida, pois significa que houve criação de sentido.

A paródia, por sua vez, é definida por Massaud Moisés *apud* Medeiros (2000, p. 171) como

[...] o nome que se dá a toda composição literária que imita o tema ou a forma de uma obra séria, quer explorando aspectos cômicos, que expondo aspectos satíricos. Seu objetivo é ridicularizar um estilo ou uma tendência dominante.

A paródia permanece com equivalências ao texto-base, porém, há um avanço da primeira ideia com ironias e outros recursos com a finalidade de dar voz a discursos que não foram levantados inicialmente. A intertextualidade é própria desses dois recursos – paráfrase e paródia – por retomar um enunciado anterior.

Ao reconhecer o texto inicial, a construção de sentido é feita mais facilmente e, em certos casos, só é atingida com esse reconhecimento. Ao tomar e reconhecer essas construções, o aluno explora o implícito e o subentendido dos textos e assume uma postura crítica por reavivar as ideologias que esses discursos carregam.

Trazer paródias e paráfrases para a sala de aula implica numa leitura cuidadosa e lúcida, atingindo o sucesso da atividade e fazendo com o aluno assuma uma postura ativa na interação de ensino-aprendizagem. Hutcheon (1989, p. 54) diz que “a paródia é, pois, repetição, mas repetição que inclui diferença; é imitação com distância crítica, cuja ironia pode beneficiar e prejudicar ao mesmo tempo”.

Como diferenças básicas, temos, então, que a paráfrase retoma o texto-base corroborando com suas ideias, mas atentos aos repertório sociocultural do novo enunciador, pela manutenção das ideologias que o primeiro texto traz. A paródia assemelha-se por recuperar informações, mas distancia-se por reconstruir o texto valendo-se de tons sarcásticos e críticos para transgredir o texto inicial. O humor é uma ferramenta largamente utilizada na paródia, mas com ironia.

No nosso *corpus*, as manchetes fazem paródias de enunciados de fácil reconhecimento do leitor e nosso foco é contribuir com a formação desse leitor atento e crítico para a percepção de que, mais que uma retomada de enunciados, o jornal faz uma retomada de suas ideologias sugerindo uma adesão por parte do coenunciador da



realidade retratada nas páginas das notícias, como no exemplo “Bandidos de bandeja” (ed. 34, p. 5) em que se notícia assaltos a restaurantes. A expressão ‘de bandeja’ faz menção ao instrumento de trabalho dos garçons, funcionários de restaurantes, além de ser uma gíria que significa algo fácil de ser encontrado.

**Figura 10 – Bandidos de bandeja**



**FONTE:** Jornal SuperPopular, 15 de setembro de 2011, edição 34, página 5

Dessa maneira, o jornal perpetua sua ideologia de estigmatizar negativamente infratores ridicularizando-os ao tratar com humor uma situação que não seria banalizada por se tratar de uma ação que marginaliza as leis.

## CAPÍTULO 2: QUESTÕES DE DOMÍNIO JORNALÍSTICO

Este capítulo descreve a enunciação jornalística, bem como o gênero textual em questão, a notícia sensacionalista, uma vez que o jornal SuperPopular se enquadra nas características de jornais sensacionalistas.

### 2.1. A ENUNCIAÇÃO JORNALÍSTICA

Todo noticiário jornalístico pode ser percebido para além de sua imanente informação. Há sempre uma intencionalidade não dita. O processo de construção da notícia não é somente técnico, pautado em manuais de redação, mas é um trabalho de produzir discursos através da língua que é, como concebe Bakhtin (1992), um produto socio-histórico, como forma de interação social realizada por meio de enunciações.

Desta forma, a notícia toma a língua – interação social – para enunciar e podemos dizer que este enunciado possui mais de um autor. Afirmamos isso por acreditar na participação do interlocutor na enunciação a partir do momento que o locutor objetiva seu interesse, pois é a partir do outro que o locutor seleciona a pertinência e a forma de tratar a notícia.

Os outros, para os quais o meu pensamento se torna, pela primeira vez, um pensamento real (e, com isso, real para mim), não são ouvintes passivos, mas participantes ativos da comunicação verbal. Logo de início, o locutor espera deles uma resposta, uma *compreensão responsiva ativa*. Todo o enunciado se elabora como para ir ao encontro dessa resposta. O índice substancial (constitutivo) do enunciado é o fato de dirigir-se a alguém de estar voltado para o destinatário. (BAKHTIN, 2003, p. 320).

Benveniste (1989) também postula a ideia da cooperação de um sujeito-alocutário no enunciado, por este não ser um mero decodificador de mensagens, esse sujeito “implanta o outro diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro.” (1989, p. 84). Logo, na enunciação tem-se o lugar do *eu* e do *tu* e neste *eu* objetiva-se influenciar o outro de alguma forma comprovando a interação entre eles.

O enunciadador não pode dizer qualquer coisa em qualquer que seja a situação. Há condições que tornam o ato de linguagem pertinente ou não e este ato só é considerado pertinente quando é intencionado, faz sentido e relação a um destinatário. Na enunciação jornalística, também há essa relação locutor-alocutário, pois o jornalista

produz a notícia esperando o interesse do leitor, usando marcas que, a seu ver, atraem mais que outras, sempre com a intenção de seduzir o seu interlocutor.

Sendo a notícia jornalística uma construção social da realidade não simultaneamente ao fato retratado, percebe-se que funciona como uma substituição, algo que tenta se colocar no lugar de outra coisa já existente, como o momento do fato e o momento da notícia. Como recurso, o jornalista ‘aproxima’ o primeiro fato ao presente, denominando-o *discurso da atualidade* haja vista o presente estar próximo e ser o tempo do imediato. O leitor é mais atraído pelos fatos paralelos ao seu tempo. Para Gomis, “o presente é o que se comenta. Por isso, são mais notícias as que duram mais tempo porque são elas que dão consistência a nosso presente de referência, ao nosso presente coletivo, comum aos fatos que comentamos socialmente.” (1991, p. 34)

Fausto Neto (1991, p. 31) diz ainda que

O saber jornalístico tenta superar essa impossibilidade de ser um discurso de ‘primeira mão’, através das multiplicidades de investimentos enunciativos (linguísticos, discursivos, pedagógicos, etc.), para, através de modalidades substitutivas, dar conta de um certo real.

O discurso jornalístico é, desta forma, um discurso polifônico por tomar as vozes do fato descrito e, além disso, tomar vozes do próprio fazer jornalístico como técnicas, vocabulário, estilo para, assim, produzir notícias. Ao apurar a veracidade dos fatos e/ou coletar mais dados para a sua notícia, o jornalista divide a autoria do texto por utilizar-se do discurso citado (fragmentos da fala).

A escolha dos fatos a serem noticiados passa por um julgamento que chamados de *critérios de noticiabilidade*, definido por Traquina (2005b, p. 63) como sendo “um conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia”, ou seja, uma avaliação quanto à sua relevância e interesse do público-alvo. Tal escolha é feita a partir da visão de mundo do jornalista que a conjectura também comum a seus leitores.

Pra que o enunciado jornalístico seja apreendido pelo público-alvo, é necessário que ele diga o que aconteceu e descreva como aconteceu, tentando impor sua veracidade e relevância e, assim, convencer o outro da importância do fato, valendo-se de apelos comuns a este gênero. Constrói-se a recepção da notícia, que é a ideia internalizada de leitor que o autor possui, por classificar suas notícias como atrativas para o seu público.

## 2.2. GÊNERO TEXTUAL NOTÍCIA SENSACIONALISTA

A forma como um jornal é apresentado, suas imagens, seus grafismos e tipografia aponta qual o público destinado para este. Uma forma de classificação diz respeito às classes sociais que seus leitores ocupam – A a E. Amaral (2006) diz que os jornais voltados para as classes C, D e E são tidos como populares por seu preço, suas notícias e sua linguagem. Sendo assim, podemos afirmar que os critérios de noticiabilidade de um jornal direcionado às classes A e B não são os mesmos de um periódico voltado à classe D ou E, por exemplo.

Mas, apesar de satisfazer à camada a que se destina, o jornal popular não é visto com apreço pelos críticos de jornalismo pelo modo como as notícias mostram a realidade, são tidas como sensacionalistas. Essa denominação se deve aos primeiros jornais franceses e americanos que, para atrair o público com menor poder aquisitivo, faziam alarde em suas notícias.

Não se tem uma data precisa quanto ao surgimento dos jornais populares, mas se pode afirmar que na metade do século XVI esse tipo de jornalismo já era veiculado na França. (ANGRIMANI, 1995). A Gazette de France era um dos representantes do produto voltado para as classes C, D e E e se destacava pela cobertura de *fait divers* – jargão jornalístico que diz respeito aos fatos diversos a ser noticiados, ou seja, fatos que não fazem parte dos cadernos tradicionais de notícias, como esporte, política, economia e chamam atenção por serem inusitados – de caráter fantástico ou violento.

Nos Estados Unidos, os jornais populares ganham contorno e notoriedade no final do século XIX, quando surgiram os concorrentes *New York World* e *Morning Journal*. Editados, respectivamente, por Joseph Pulitzer e William Randolph Hearst, esses jornais eram vendidos a baixo preço, publicavam histórias de dramas pessoais e adotavam estratégias de marketing, premiando os leitores com brindes para aumentar as vendas, além de inventar notícias e entrevistas para entreter os públicos. (MIRANDA, 2008, p. 3)

Assim, para ganhar o público, os dois jornais americanos produziam notícias sensacionalistas explorando acontecimentos violentos, trágicos e escândalos políticos. Daí, surge a ‘imprensa amarela’ por conta do teor dos seus informativos. Aqui no Brasil, chamamos de ‘imprensa marrom’ derivado de um termo francês homônimo e, para Márcia Franz Amaral, faz referência aos impressores ilegais do século XIX, mas o jornalista do Jornal Diário da Noite (RJ), Alberto Dines explica o surgimento dessa expressão aqui no Brasil em 1960:

Dines, repórter do jornal na época, soube que alguém havia se matado por ter sido chantageado por uma revista de escândalos e fez uma manchete mencionando que a imprensa amarela havia levado um cineasta ao suicídio. Calazans Fernandes, chefe de reportagem, teria alterado a manchete: trocou a expressão 'imprensa amarela' por 'imprensa marrom', relacionando o marrom à 'cor de merda'. Desde então, a expressão 'jornalismo marrom' é usada no Brasil para designar jornais e revistas de escândalos. (AMARAL, 2006, p. 19)

Amaral (2006) cita como exemplos de jornais populares no Brasil temos a Folha da Noite (São Paulo, 1921-1960), O Dia (Rio de Janeiro, 1951 até os dias atuais), Última Hora (Rio de Janeiro, 1951-1964), Luta Democrática (Rio de Janeiro, 1954-1979) e Notícias Populares (São Paulo, 1963-2000). Ainda segundo Amaral, esse tipo de jornal faziam além de propagandas políticas, reivindicações do povo, intencionando a atração do público de baixa renda, tendo como recursos o exagero nos relatos.

O sensacionalismo é o tom exagerado que uma matéria traz pretendendo emocionar ou escandalizar. É dar notoriedade excessiva ao que, em outros casos, não receberia tal tratamento, é trazer/criar escândalos, chocar através da notícia e suas escolhas vocabulares e/ou utilizando linguagem não verbal. Para Angrimani (1995, p. 16), “sensacionalismo é a produção de noticiário que extrapola o real, que superdimensiona o fato.” O fato de ser um jornal ‘sensacionalista’ adota uma visão negativa e pejorativa, que põe à prova a credibilidade do jornal.

A linguagem própria do sensacionalismo é livre de neutralidade, é tendenciosa e objetiva envolver o leitor para conseguir sua adesão discursiva. É rica em clichês e retrata as emoções que o jornal quer despertar, seja colocando o leitor no lugar do personagem da notícia ou vilanizando-o e gerando repulsa.

A apelação também é uma característica deste tipo de jornalismo, imagens fortes e drama exagerado são encontrados em jornais sensacionalistas como o SuperPopular, nosso *corpus*. As imagens possuem destaque e as chamadas (manchetes) costumam chocar, seja pela banalização de assunto que exige maior seriedade, seja pelo tom exagerado que notícias que não receberiam tanta evidência recebem.

**Figura 11 – Rita Cacete neles**



**FONTE:** Jornal SuperPopular, 1 de setembro de 2011, edição 32, página 7

O que é a desgraça alheia vira notícia relevante para a mídia sensacionalista e os crimes são os fatos mais noticiados por esses jornais. Manuel Pinto (2004), diz que podemos caracterizar uma mídia sensacionalista quando há desproporção recorrente tanto de ordem gráfica quanto nos temas e na linguagem utilizada, foco do nosso estudo.

Marcondes Filho (1986) conceitua o jornalismo como o “grau mais radical da *mercantilização da informação*”. Diz, ainda, que é uma notícia de aparência que vende melhor a manchete do que o corpo da notícia porque é ela, a manchete, que está repleta de apelos emotivos e lacunas psíquicas que são preenchidas de modo a ridicularizar seus personagens.

Segundo Bakhtin (2003, p. 261), “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”. Logo, ao empregarmos a língua em forma de enunciados, reconhecemos suas escolhas composicionais, temáticas e estilísticas, que refletem na construção de gêneros do discurso específicos e infinitos.

Gêneros do discurso são “*tipos relativamente estáveis de enunciados*” (Bakhtin, 2003, p. 262) e são infinitos por suas inesgotáveis possibilidades de criação, visto que a atividade humana não tem limites. Temos, então, os gêneros orais e escritos que são subdivididos por seu grau de relevância situacional, pessoal e temática. O gênero do discurso notícia é aqui tomado como complexo, uma vez que exige um repertório cultural mais profundo do leitor para efetivar a compreensão.

A notícia sensacionalista faz parte do processo de sedução pela linguagem a partir do jogo de palavra objetivando as vendas porque o jornal é um produto e precisa ser consumido. Neste consumo, há um processo de identificação que é caro porque passa por fatores como os valores do leitor-sujeito, que assume uma posição conveniente à situação.

### 2.3. CONTEXTUALIZAÇÃO DO JORNAL SUPERPOPULAR

O Jornal Super Popular foi veiculado entre 27 de janeiro de 2011 e 27 de março de 2014, principalmente no estado de Sergipe, de quinta à quarta-feira e vendido pelo valor de R\$0,50 (cinquenta centavos) em bancas de jornal. Sua proposta era expor serviços, informação e realidade à sociedade. Em especial na seção policial, o jornal transmitia fatos cotidianos de forma simples e popular, aproximando seu público-alvo – as camadas menos favorecidas economicamente – aos vários temas abordados em qualquer jornal: moda, política, economia, artes, esportes etc.

O Super Popular apareceu como uma mídia nova no estado se apresentando nas formas impressa e *online*, trazendo notícias em uma fórmula leve, descontraída, coloquial, no entanto, séria. Com o jornalista Guga Oliveira a frente do semanário como diretor de jornalismo, o meio de informação integra a seus leitores um público que antes não se interessava por jornal. O diretor de jornalismo explica que a proposta do SuperPopular era transformar o que grandes jornais consideram uma pequena notícia numa grande reportagem. “Queremos dar voz e vez a um público que por muitas vezes não tinha acesso a informações”, observou o diretor de jornalismo.

O semanário pertence ao grupo Cinform – outro jornal do estado de Sergipe, mas direcionado às classes A e B. Vale ressaltar que, quando surgiu, o jornal Cinform trazia notícias de cunho popular, sensacionalista, mas como seu público foi se modificando, sua abordagem não mais seguiu esta linha. Para perpetuar o histórico popular, o Cinform lançou o jornal SuperPopular, que mais do que o próprio Cinform era em tempos anteriores, é ainda mais popular e se dirige a essa classe leitora por meio de notícias que exploram o risível em suas manchetes. Seu preço diferenciado é outra marca que aproxima seu público-alvo e como uma das suas intenções é suscitar em pessoas com pouco hábito de leitura tal prazer, o jornal utiliza recursos como imprimir algumas páginas em cores, o que não é comum em jornais – popularmente conhecido por seu estilo em preto e branco. O tamanho do semanário também é reduzido. Enquanto os outros periódicos têm formato retangular, o Super Popular aparece em sua forma quadrada facilitando o seu manuseio.

O SuperPopular contou com a direção dos sócios Alberto Alcosa e André Garcia. A equipe era composta pelos jornalistas Lucas Alessi, Thiago Leão e Kátia

Simone, com diagramação de Adilma Menezes e coordenação geral de redação de Guga Oliveira. “Todos aqui são jornalistas, profissionais capacitados para fazer o jornal dar certo e oferecer a sociedade sergipana uma nova forma de obter informação”, declarou Guga.

Nesse sentido, o diretor de jornalismo observou que o SuperPopular cobraria responsabilidades, apontaria problemas, indicaria soluções e daria foco às necessidades básicas do povo que por tantas vezes são relegadas a segundo plano pelas autoridades. Em suas manchetes, o jornal utilizava-se de gírias, piadas, provérbios corriqueiros às classes populares, facilitando sua compreensão. Para Possenti, “as piadas são interessantes porque são quase sempre veículo de um discurso proibido, subterrâneo, não oficial, que não se manifestaria, talvez, através de outras formas de coleta de dados, como entrevistas” (1998, p. 26).



## **CAPÍTULO 3: A APLICAÇÃO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO E PERTINÊNCIA NO *CORPUS***

No terceiro capítulo, após revisão teórica, visamos delimitar o *corpus* e apresentar os critérios de escolha das notícias a serem trabalhadas, bem como as hipóteses levantadas e análise dos dados para confirmação ou negação destas hipóteses, visando oferecer apoio aos professores de Língua Portuguesa para melhoria de suas práticas com um gênero pouco utilizado em sala de aula, a notícia sensacionalista. A nossa análise tem caráter qualitativo.

### **3.1. QUESTÕES METODOLÓGICAS**

Como já dito, tomamos como *corpus* manchetes selecionadas do semanário *SuperPopular* cujo jogo vocabular ativa a memória do leitor para algum texto anterior. Tratamos, então, esta notícia em busca de elementos de sentido textual-ideológico, como ironia ou preconceito, haja vista termos como premissa o fato de esses intertextos consolidados na memória do leitor, tais como provérbios, músicas e ditados populares, demarcarem efeitos não apenas lúdicos, mas militantes.

Nesta pesquisa, que tem como foco a análise dos efeitos de sentido das manchetes de jornais popularescos, neste caso, o semanário *SuperPopular*, objetivamos examinar o alcance destes efeitos em alunos do segundo ciclo do ensino fundamental da Educação Básica (6º ao 9º ano). Sendo a leitura de jornais uma prática rara na realidade dos alunos, temos como anseio o estímulo à sua leitura em sala de aula. Não limitamos a aplicação às séries finais do segundo ciclo do Ensino Fundamental por julgar uma provável maturidade para entender os jogos vocabulares criados pelo jornal, bem como sua intencionalidade ao fazer determinadas escolhas linguísticas, pois acreditamos na heterogeneidade de conhecimentos de mundo dos alunos de um mesmo nível escolar.

Baseados nos pressupostos da Linguística Textual, buscamos respostas para as seguintes questões: (i) Jornais populares conseguem mesmo atrair a atenção dos alunos do Ensino Fundamental, no nosso caso, da rede pública de ensino para a leitura constante deste gênero secundário do discurso? (ii) Os alunos conseguem perceber o tom depreciativo das manchetes?

A base metodológica utilizada na pesquisa foi de abordagem qualitativa e consistiu na aplicação de um questionário semiestruturado com alunos do segundo ciclo do Ensino Fundamental (6º ao 9º anos). A pesquisa contou com a seleção de notícias do jornal SuperPopular. Nelas continham exemplos de deslocamentos de enunciados já enraizados na memória coletiva da sociedade.

A possibilidade da aplicação do questionário em turmas do 6º ao 9º ano deu-se pela nulidade da hipótese de que alunos num maior nível escolar têm mais facilidade na compreensão dos jogos vocabulares criados pelo jornal, uma vez que, numa mesma sala temos alunos com diferentes repertórios e visões de mundo. Além disso, o questionário serviu para desmistificar a ideia de que todo aluno de classe socioeconomicamente desprestigiada compreende o vocábulo de um jornal popularesco, a fim de anular a crença de que todo aluno de região periférica é marginalizado e não se interessa pela leitura de gêneros secundários do discurso.

Por serem de comum circulação no Brasil, sugere-se que outros jornais popularescos sirvam de material aos professores para utilização da proposta aqui apresentada. Dentre estes semanários brasileiros, destacamos: *Massa!*, do estado da Bahia, o *Super Notícia*, do estado de Minas Gerais, *Extra*, do Rio de Janeiro, *Agora São Paulo*, de São Paulo, dentre outros.

### **3.2. ANÁLISE DO CORPUS**

A análise do corpus apresentará ao professor de Língua Portuguesa possibilidades de análises. No entanto, discussões que apontem para caminhos distintos dos aqui apresentados são possíveis e frutificam o resultado da proposta. Cada subitem trará uma notícia analisada linguisticamente a partir dos pressupostos teóricos dispostos no capítulo 1 e dos objetivos da pesquisa.

#### **3.1.1. “Fazia Coca, acabou na Fanta.” (ed. 2, p. 5)**

Nesta manchete, o efeito de sentido está no trocadilho que o jornal faz com duas marcas de refrigerantes: Coca Cola e Fanta. Nesse caso, Coca remete à cocaína e Fanta ao instrumento de madeira utilizado pelos policiais (cacete) ao realizarem suas abordagens. Mesmo implícito, não é difícil perceber que o jornal em questão é a favor

do uso de violência policial, mesmo desmedida ou injustificada, fato exposto pela ironia utilizada na manchete.

Também podemos analisar tal manchete quanto ao valor que o jornal dá aos dois refrigerantes, comparando-os. A remissão aqui feita é ao valor das bebidas, apesar de haver o provérbio “Essa coca é fanta”, pra designar que alguém é um homossexual velado. A Coca Cola, mais famosa que a Fanta, é personificada como boa ou uma situação boa: o traficante pensa ser superior à polícia e acha que não será pego; já a Fanta, de qualidade inferior à Coca, faz remissão às pancadas com o cacetete, pois, nessa condição, o criminoso não será tratado como superior, mas será ridicularizado. A escolha vocabular influenciou no efeito que a notícia produziu. O jogo de palavras entreteu e aproximou o leitor, uma vez que os famigerados refrigerantes fazem parte do convívio desses leitores.

**Figura 12 – Coca e Fanta**



**FONTE:** Jornal SuperPopular, 3 de fevereiro de 2011, edição 2, página 5

### 3.1.2. “Na base da pedra.” (ed. 2, p. 6)

Na manchete apresentada, relata-se um delinquente que portava uma quantidade considerável de *crack*, atestada na expressão ‘na base de...’. Essa formulação é uma gíria largamente utilizada para apresentar algo que existe em grande escala, neste caso, o *crack*. O *crack* é uma droga, geralmente fumada, feita a partir da mistura de pasta de cocaína com bicarbonato de sódio, deriva do verbo inglês *to crack* - quebrar. A droga ilícita recebeu esse nome por ser comercializada em pedras que, quando queimadas, produzem um barulho como se estivesse se quebrando.

O jornal noticiou que um adolescente de apenas 15 anos estava com 32 pedras de *crack* (estava na base da pedra) e faz questão de explorar tal fato criando além da

manchete, mais dois subtítulos para atrair ainda mais o seu leitor: (a) “Adolescente é preso com 32 pedras de *crack*. Ele tem apenas 15 anos”; (b) “O garoto foi preso por acaso. Na segunda, dia 31, os policiais foram chamados para resolver uma confusão na Luzia e acabou prendendo o adolescente com a droga”.

Neste caso, os dois subtítulos enfatizam a anormalidade do acontecimento, por ser o criminoso um menor de idade e estar portando uma grande quantidade da droga.

**Figura 13** – Na base da pedra



**FONTE:** Jornal SuperPopular, 3 de fevereiro de 2011, edição 2, página 6

### 3.1.3. “Droga de casal” (ed. 2, p. 8)

O casal B. G. e F. R. F., traficantes de drogas, foram apreendidos pela polícia por posse ilegal de drogas. Obtém-se o humor, neste caso, com a utilização da gíria ‘droga’, conotativamente ‘algo que não presta, sem valor’ e relacioná-la ao meio de subsistência do casal: a venda de drogas. Ao usar vocabulário chulo, há uma depreciação dos agentes da infração, levando o leitor a uma comunhão de ideias pitorescas. A imagem ilustrativa, de perfil frontal, desfocada e em estilo de inquérito, propõe uma ridicularização ainda maior da ação frustrada do casal.

**Figura 14** – Droga de casal



**FONTE:** Jornal SuperPopular, 3 de fevereiro de 2011, edição 2, página 8

### 3.1.4. “Maconha em cima da geladeira é fria!” (ed. 32, p. 4)

O efeito é mantido por relacionar a temperatura da geladeira – fria – e a gíria ‘ser uma fria’ que remete a uma situação embaraçosa, complicada, de difícil resolução. O jornal relata o recebimento, por parte do senhor D. L. M., de certa quantia em drogas ilícitas para revenda. Após ação policial em sua residência à procura do material, este é encontrado sobre a geladeira. Neste caso, ‘foi fria’ para o traficante, que acabou sendo preso pela polícia.

**Figura 15** – Maconha na geladeira



**FONTE:** Jornal SuperPopular, 1 de setembro de 2011, edição 32, página 4

### 3.1.5. “Quadrilha vacila no Bom Jardim” (ed. 32, p. 7)

Não é difícil perceber que a grande parte das notícias sucede em regiões periféricas, onde seus moradores, normalmente, possuem renda financeira baixa e onde estão concentradas a maioria das bocas de fumo – lugares onde a droga é comercializada. O jornal expõe a notícia e enfatiza o local que ocorreu o fato na manchete para, desta forma, depreciar o local. Bom Jardim é um povoado em São Cristóvão – Sergipe. O jornal ridiculariza a quadrilha de traficantes por mostrar a falta de astúcia deles ao encontrar a polícia, afinal, eles foram pegos despreziosamente, sem qualquer planejamento. A polícia fazia uma ronda de rotina e percebeu o movimento suspeito, ou seja, os criminosos que se achavam espertos, acabaram afrouxando quanto à própria proteção contra os policiais. O não-dito é que esses traficantes eram pouco inteligentes e, como o Super Popular cita o local, o povoado acaba sendo ridicularizado também.

**Figura 16 – Rita Cacete neles**



**FONTE:** Jornal SuperPopular, 1 de setembro de 2011, edição 32, página 7

### 3.1.6. “Esse ‘fermento’ é uma droga!” (ed. 33, p. 6)

A droga citada na manchete faz menção a dois elementos: a cocaína e a gíria. A gíria utilizada significa algo que não presta, sem valor e, por isso, digno de desprezo, e o fermento já é uma alcunha para a droga. A fim de obter mais lucros com a venda de cocaína, traficantes costumam misturá-la com fermento em pó e outras substâncias e, na manchete, fermento aparece entre aspas evidenciando o sentido conotativo do vocábulo em questão: o leitor deve saber que o fermento, no contexto, não é um composto químico que dá levedura à massa a que se mistura, mas a cocaína. Ao ler a manchete, o leitor já sabe do que se trata a notícia, mesmo que sem detalhes.

**Figura 17 – Esse fermento é uma droga!**



**FONTE:** Jornal SuperPopular, 8 de setembro de 2011, edição 33, página 6

### 3.1.7. “Polícia passa o gadanho nas pedras do Jardim Universitário” (ed. 34, p. 4)

O efeito de sentido criado faz menção às pedras de *crack* que foram comercializadas na Cidade Universitária. Para que o humor fosse alcançado, o jornal usou o trocadilho com pedras de jardim, que recebem manutenção com gadanhos. A gíria ‘passar o gadanho’, na linguagem policial, quer dizer ‘prender alguém’, que foi justamente o que aconteceu no fato descrito, a polícia prende a dona da boca de fumo.

**Figura 18** – Gadanho nas pedras



**FONTE:** Jornal SuperPopular, 15 de setembro de 2011, edição 34, página 4

### 3.1.8. “Esse Bugio é uma caixinha de surpresas.” (ed. 35, p. 5)

Ao afirmar que o conjunto Bugio, na zona norte do município de Aracaju, é uma caixinha de surpresas, o jornal expõe o local como violento e o estereotipa como um lugar não confiável. Esse estereótipo pode ser generalizado às zonas periféricas da cidade, onde moram as classes menos favorecidas economicamente. A referida ‘caixinha de surpresas’ diz respeito a uma caixa em que pedras de *crack* foram escondidas por traficantes do bairro.

Há aí a ideia preconizada de que o mais fraco, o mais pobre é mais suscetível a cometer algum tipo de crime. A escolha do demonstrativo ‘esse’ também é uma forma de expor tal afirmação: com esse pronome, o jornal cria um distanciamento dessa classe, a mostra indiferentemente, com desdém, ou seja, ele prega um jornal para a população das classes C, D e E, mas, simultaneamente, denigre a imagem do morador de bairro pobre.

**Figura 19** – Esse Bugio é uma caixinha de surpresas





### 3.1.9. “Santos Dumont está cheio de aviõezinhos.” (ed. 35, p. 6)

Esta manchete exige um conhecimento histórico: saber quem foi Santos Dumont, o inventor do avião. O bairro homônimo, localizado na periferia de Aracaju, é um cenário de comercialização de drogas e, para alcançar o humor, o jornal valeu-se dessa informação e da gíria ‘aviãozinho’ que remete ao indivíduo que transporta drogas para alguém ou pratica a venda de drogas. Sendo assim, o fato de Santos Dumont ter criado o avião é instrumento de escárnio, juntamente com o sentido figurado de ‘aviãozinho’. Assim, a manchete só possui humor por conta do nome do bairro que aconteceu a notícia – Santos Dumont.

O jornal aproveita para estereotipar os moradores do bairro, que são majoritariamente de classe baixa, apontando alguns de seus moradores, implicitamente, como indivíduos à margem da lei. Há aí a marcação de diferenciação por caráter, apesar de pertencerem a classes populares, os leitores do jornal corroboram com a punição do delinquente juvenil, pois são cidadãos cuja idoneidade transcende o perfil socioeconômico. Assim, a intenção do jornal é chocar o seu leitor com essa notícia sobre uma classe congruente a do leitor no tocante às posses econômicas, mas divergentes quanto a sua retidão, marginalizando-os.

Figura 20 – Santos Dumont está cheia de aviõezinhos





**3.1.10. “Trouxas, peteca e pedra: na Piabeta tem isso que não é brincadeira.” (ed. 35, p. 7)**

Nesta manchete, foram usadas três gírias utilizadas por traficantes – trouxas, peteca e pedra. Da primeira, diz-se da embalagem na qual se acondiciona cocaína ou maconha. Peteca é a porção de cocaína, geralmente envolta em papel alumínio ou em plástico e pedra é a forma de comercialização do *crack* (em forma de pedras). Para que a notícia leve ao riso é preciso saber o significado das gírias ou, ao menos duas e descobrir por analogia o que quer dizer a outra. Piabeta é outro bairro periférico de Aracaju, o que caracteriza o estereótipo criado pelo jornal de que os crimes são cometidos, em sua maioria, em bairros considerados pobres. Outra expressão usada é ‘... ter isso que não é brincadeira’, ou seja, tem bastante, em larga escala, muito. Podemos, então, presumir que o jornal hostiliza o bairro e o julga inferior aos outros e cria uma ideia de que na Piabeta só tem coisas ruins.

**Figura 21** – Piabeta e as brincadeiras



**FONTE:** Jornal SuperPopular, 22 de setembro de 2011, edição 35, página 7

**3.1.11. “Abra as pedras, meu amor!” (ed. 36, p. 4)**

Na manchete acima, o humor é alcançado pelo trocadilho ‘pedras/ pernas’. R. D. dos S. S., 18 anos, além de prostituta, revende drogas na Orla de Atalaia, em Aracaju. O ato sexual com seus clientes foi alvo de piada pelo jornal, pois tal frase é comumente dirigida a essa classe, que é gratificada ao ‘abrir as pernas’.

As pedras citadas na manchete referem-se às pedras de crack, substância tóxica, considerada droga ilícita por causa do seu efeito de euforia mais forte do que o da

cocaína, alucinações e paranoia. O sentido, então, é mantido ao relacionar esses dois vocábulos, depreciando essa classe de trabalhadoras e expondo-a ao ridículo.

**Figura 22** – Abre as pedras, meu amor



**FONTE:** Jornal SuperPopular, 29 de setembro de 2011, edição 36, página 4

### 3.1.12. “Alagoano esconde drogas no ar condicionado e entra numa fria.” (ed. 36, p. 5)

O local em que a carga ilícita foi encontrada não passou despercebido: relacionou-se aí a temperatura do ar condicionado – fria – com a gíria ‘entrar numa fria’, que significa entrar numa situação embaraçosa, complicada, de difícil resolução. Neste caso, ‘foi fria’ para o delinquente, preso pela polícia. O homem citado é um estrangeiro, passando uma imagem de que por ele não ser de Sergipe, é um forasteiro que vem praticar crimes fora de seu domicílio, ou seja, uma marcação entre o eu (sergipano) e o outro (alagoano). Outra informação a ser pontuada é que o alagoano é, por senso comum, estereotipado como um povo violento, que é pistoleiro, ou seja, o jornal, ao invés de desmistificar tal proposição, a reforça.

**Figura 23** – Droga no ar condicionado é fria



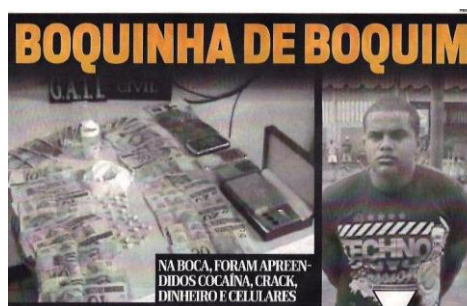
**FONTE:** Jornal SuperPopular, 29 de setembro de 2011, edição 36, página 5

### 3.1.13. “A boquinha de Boquim.” (ed. 36, p. 6)

O efeito criado nesta manchete é fonético: ‘Boquim’, município de Sergipe, localizado na região sul do Estado, e ‘boquinha’, diminutivo para ‘boca’. Nesse caso, a boca é ‘de fumo’, local onde a droga é comercializada ilicitamente. Por uma questão fonético-fonológica, os falantes tendem a suprimir a última sílaba de um vocábulo paroxítono ou proparoxítono, como as diminutivas nasalizadas, o chamado metaplasmo de subtração na condição de apócope. São exemplos: ‘boquinha – boquim’, ‘malinha – malim’, ‘ratinho – ratim’, ‘patinho – patim’.

O leitor do Jornal Super Popular tem ou já teve acesso a essa variação e, por isso, compreende a intenção do jornal ao fazer esse trocadilho. Trata-se de depreciação ou ridicularização dos falantes dessa variação, tanto que causa riso no leitor.

**Figura 24** – Boquinha de Boquim



**FONTE:** Jornal SuperPopular, 29 de setembro de 2011, edição 36, página 6

### 3.1.14. “Velhinho deficiente era ‘eficiente’ no tráfico.” (ed. 37, p. 6)

A palavra ‘deficiente’ que significa com defeito, incapaz de fazer algo. No caso do idoso exposto na notícia, uma deficiência motora, o que não o impediu de cometer o crime de tráfico de drogas. A partir de um trocadilho, o jornal implicitamente diz que o homem da notícia não merece qualquer compaixão por ter sua deficiência motora, afinal ele soube contornar essa situação na hora em que decidiu entrar para o crime. O não-dito é que o velhinho era ruim para andar, mas era para outras coisas, não. Neste caso, cometer um crime.

**Figura 25 – Deficiente eficiente**



**FONTE:** Jornal SuperPopular, 6 de outubro de 2011, edição 37, página 6

### 3.1.15. “Polícia prende o ‘aviãozinho’ e o ‘piloto’ de uma boca em Socorro.” (ed. 39, p. 6)

Existem gírias específicas para o tráfico de drogas e seus envolvidos e o jornalista se utilizou de duas delas: ‘aviãozinho’ e ‘piloto’, que têm como sentido, respectivamente, ‘indivíduo que repassa drogas, pratica a venda de drogas, ou apenas transporta para alguém’ e ‘o dono da boca de fumo, local onde a droga é revendida’. Além disso, fez um jogo de palavras do mesmo universo ‘aviãozinho’ e ‘piloto’, em seus sentidos literais, para criar uma ambiguidade.

O jornal pressupõe que o seu leitor saiba o que cada gíria quer dizer e, mais uma vez, expõe uma notícia ocorrida num bairro de periferia, Marcos Freire II, município de Nossa Senhora do Socorro, grande Aracaju. Dificilmente um jornal tradicional usaria essas gírias em suas notícias, pela linguagem mais formal, própria do texto jornalístico.

**Figura 26 – Aviãozinho e Piloto**



**FONTE:** Jornal SuperPopular, 20 de outubro de 2011, edição 39, página 6

### 3.1.16. “Drogas a dois passos do paraíso.” (ed. 39, p. 7)

A relação criada faz uma ponte com o eixo musical. O título da canção “A dois passos do paraíso”, da banda Blitz, famosa nos anos 1980, é parodiado pelo jornal na manchete em questão: o paraíso em questão é o loteamento Paraíso Sul, localizado nas imediações do presídio do bairro Santa Maria, bairro periférico de Aracaju. O jornal ironiza ao usar o ambíguo ‘paraíso’, que, no sentido que o jornal utilizou, não remete a um lugar utópico onde se vive harmonicamente e sem conflitos, mas contrariamente ao lugar de cárceres, que possivelmente será sua moradia a partir de então.

**Figura 27** – Drogas a dois passos do paraíso



**FONTE:** Jornal SuperPopular, 20 de outubro de 2011, edição 39, página 7

### 3.4.17. “Mago era o homem forte das drogas do Padre Pedro” (ed. 39, p. 7)

Padre Pedro é um bairro da periferia de Aracaju e, assim como nas outras manchetes que expõem nomes de bairros, é depreciado pelo jornal como sendo palco de vários crimes como tráfico de drogas, segundo nosso *corpus*. ‘Ser forte de algo’ significa ser o mais importante, o mais influente em algo, no caso de Mago, das drogas. O não-dito é que o Padre Pedro é uma enorme boca que tem como chefe o Mago. O bairro tem histórico de ser chacoteado como um bairro violento, onde que não é conterrâneo não se atreve a visitar. O jornal abusa deste senso comum e ridiculariza o local.

**Figura 28** – Esse Bugio é uma caixinha de surpresas



**FONTE:** Jornal SuperPopular, 20 de outubro de 2011, edição 39, página 7

### 3.4.18. “Traficante vendia ‘craque’ no campo da vila.” (ed. 42, p. 4)

A forma inglesa da droga *crack* é cunhada com ‘ck’. Em português, finalizando em ‘que’. O jornalista pretende, com a forma aportuguesada, levar o público ao risível. Craque diz-se daquele que se destaca em alguma atividade, sobretudo nas práticas esportivas. Nas periferias, é comum as crianças jogarem futebol em campos situados nas vilas em que moram, os campos da vila. Como o traficante estava vendendo a droga no campo em questão, o trocadilho foi criado.

**Figura 29** – Craque no campo da vila



**FONTE:** Jornal SuperPopular, 10 de novembro de 2011, edição 42, página 4

### 3.4.19. “Maconheiro dos teclados.” (ed. 42, p. 6)



Nesta manchete, o efeito de sentido é mantido pelo fato de os traficantes J. M. da S. e E. V. da S. terem escondido a droga e uma arma dentro da capa de proteção de instrumento musical. O jornal explicitamente ridiculariza os dois ao afirmar que eles estavam tocando o teclado num bar e pararam quando a polícia chegou. Assim como na manchete 5, os traficantes são expostos como pouco inteligentes e por conta de seu descuido foram pegos pela polícia. A imagem que o jornal perpetua é de que mesmo fazendo algo ilícito e achando serem superiores, os traficantes não passam de um fracassado que não passa de ordinário naquilo que se achava ser bom.

**Figura 30** – Maconheiro dos teclados



**FONTE:** Jornal SuperPopular, 10 de novembro de 2011, edição 42, página 6

#### **3.4.20. “Mais crack no Santos” (ed. 43, p. 5)**

O Santos exposto na manchete diz-se do bairro Santos Dumont, mais uma periferia mostrada pelo jornal como cenário de crimes da mesma maneira que nas manchetes 3.4.5, 3.4.7, 3.4.8, 3.4.9, 3.4.10, 3.4.15 e 3.4.17. Esses locais são vistos como sendo cheios de malandros, por serem da zona norte, então só têm maconheiros e o uso do ‘mais’ intensifica essa ideia. O não-dito é que se tem mais, então é porque já tinha muito.

O humor é conservado por relacionar a droga *crack* com o substantivo masculino e também adjetivo *craque*. O Santos também é alvo de relação, com o time paulista homônimo, famoso por, na época, ter craques como Neymar, Ganso e Elano. Daí, o trocadilho humorístico a partir de uma notícia séria.

**Figura 31 – Mais crack no Santos**



**FONTE:** Jornal SuperPopular, 17 de novembro de 2011, edição 43, página 5

A partir das análises, pudemos perceber que o vocabulário utilizado é de fácil compreensão por parte dos alunos e pode ser trabalhado em sala de aula de LP, desde que contextualizado e explorando análises críticas e desalienadoras, a fim de ampliar os conhecimentos de mundo e partilhado dos alunos.

Para compreender a intenção do jornal nas manchetes, o não-dito, o leitor faz referências com discursos anteriores e próprios do seu cotidiano – trocadilhos, piadas, gírias, provérbios, entre outros. Vemos que, ao mesmo tempo em que se dá uma notícia policial, relaciona-se com futebol, publicidade, história, provérbios que, mesmo sem notas de rodapé para lhes explicar, são compreendidas pelo público-alvo.



## **CAPÍTULO 4: PROPOSTA DE ANÁLISE DE TEXTOS: APLICABILIDADE**

Neste capítulo, apresentamos sugestões de atividades com questões norteadoras e possíveis respostas para auxiliar a prática docente em LP. Além deste material, dispomos de um CD-ROM interativo para uso dos professores. Nesta multimídia é possível ter acesso aos conceitos teóricos aqui trabalhados, além das propostas de atividades com sugestões de respostas.

A confecção de novos materiais que corroborem com o nosso objetivo de colaborar com um ensino de língua materna longe dos modelos passivos e atentos ao papel social que o aluno assume em sua comunidade são recebidos com entusiasmo por nós.

### **ATIVIDADES SUGERIDAS**

#### **1. Observe a imagem a seguir. (ed. 32, p. 4)**

**Figura 32 – Maconheira na geladeira é fria**



**FONTE:** Jornal SuperPopular, 1 de setembro de 2011, edição 32, página 4

### **QUESTÕES NORTEADORAS:**

- **A notícia diz respeito a que?**

• Você acha que foi retirada de que tipo de jornal: tradicional ou popular? Justifique.

• Você conseguiu perceber o assunto da notícia apenas com a leitura da manchete? Quais elementos o levaram a este resultado?

---

---

---

---

---

#### RESPOSTAS SUGERIDAS:

Espera-se que o aluno perceba que a notícia trata de um homem que fazia parte do tráfico de drogas e foi pego pela polícia que achou o produto em cima da geladeira. Trata-se de uma notícia retirada de um jornal popular.

Jornais tradicionais têm como características textos extensos e formais. O uso de gírias é comum em jornais populares, neste caso, “estar numa fria”, que diz respeito a estar numa situação de difícil solução, complicada.

É provável que aluno tenha compreendido quando não completamente, uma parte a manchete e tenha inferido o assunto da notícia não apenas pela palavra-chave ‘maconha’, como pelo apelo visual de um senhor descamisado e com semblante sério logo abaixo da manchete. A manchete já indicava o local em que a droga foi encontrada e a gíria “estar numa fria” é de amplo conhecimento dos jovens.

2. **Leia a segunda manchete e responda as questões norteadoras a seguir. (ed. 43, p. 5)**

Figura 33 – Mais crack no Santos



**QUESTÕES NORTEADORAS:**

- **Que tipo de informação surge para você ao ler a manchete?**
- **A que se refere a palavra *crack* da manchete?**
- **Santos também é o nome de um time de futebol de São Paulo. Há alguma relação na manchete? Justifique.**
- **Há uma ‘brincadeira’ com o sentido das palavras na chamada da notícia? Se sim, de que tipo?**

---

---

---

---

**RESPOSTAS SUGERIDAS:**

A manchete pode gerar dúvida no momento da compreensão por ter correlatos gráficos, mas semanticamente diferentes. Para o sucesso da leitura, é necessário a leitura completa da notícia, pois o ‘*crack*’ mencionado na manchete diz respeito à droga ilícita e o ‘Santos’ ao bairro Santos Dumont, bairro periférico da cidade de Aracaju, Sergipe e cenário de crimes e tráfico, conforme o jornal noticia.

No entanto, a palavra inglesa ‘*crack*’ tem em português a grafia ‘craque’, que define aquele que é bom em determinada atividade e comumente utilizada no vocabulário futebolístico, ou seja, diz-se daquele que é um exímio jogador de futebol. Além disso, ‘Santos’ é um famoso time de futebol paulista, que, na época, tinha jogadores de conhecimento internacional, como Neymar, Ganso e Elano. O humor é consolidado por este trocadilho intencional.

3. Que tipo de semelhanças você encontra entre as duas manchetes. Por quê?

---

---

---

RESPOSTA SUGERIDA:

As duas manchetes relacionam-se por diversas formas. As duas fazem parte do caderno policial do jornal e têm como tema o tráfico de drogas. Além disso, as duas se valem de jogos vocabulares para atrair o leitor e conseguir sua adesão discursiva. Ao expor os sujeitos das notícias negativamente, estereótipos são perpetuados como o de que zonas de menor poder aquisitivo têm os infratores, implicitamente valorizando o seu oposto.

O fato de tratarem as notícias com humor também contribui para a crença de que tais situações são ordinárias, banais, além de ridicularizar, no primeiro caso, o infrator, e no segundo caso, levar à generalização de um ‘juízo de valor’ ao mencionar o local em que a infração foi cometida, além do uso do advérbio de intensidade ‘mais’, que pressupõe uma existência de ‘*crack*’ anterior ao fato noticiado que se torna ainda mais abundante, estigmatizando negativamente a zona exposta.

4. Que tipo de sensação você teve ao ler as manchetes? Sorriu, teve dúvida, não entendeu, indignou-se... Tente explicar o porquê deste sentimento.

---

---

RESPOSTA PESSOAL

5. Observe a manchete que segue. (ed. 2, p. 5)

Figura 34 – Coca e Fanta



FONTE: Jornal SuperPopular, 3 de fevereiro de 2011, edição 2, página 5

### QUESTÕES NORTEADORAS:

- Na manchete acima, o jornal cita duas marcas famosas de refrigerante. Qual a relação do título da notícia com as marcas?
- A que se referem as palavras “Coca” e “Fanta” na notícia?
- Que efeito de sentido é criado na manchete?
- Esta manchete foi facilmente compreendida por você?

---

---

---

---

---

### RESPOSTAS SUGERIDAS:

Nesta manchete, o efeito de sentido está no trocadilho que o jornal faz com duas marcas de refrigerantes: Coca Cola e Fanta. Nesse caso, Coca remete à cocaína e Fanta ao instrumento de madeira utilizado pelos policiais (cacete) ao realizarem suas abordagens. Podemos analisar tal manchete quanto ao valor que o jornal dá aos dois refrigerantes, comparando-os. A remissão aqui feita é ao valor das bebidas, apesar de haver o provérbio “Essa coca é fanta”, pra designar que alguém é um homossexual velado. A Coca Cola, mais famosa que a Fanta, é personificada como boa ou uma situação boa: o traficante pensa ser superior à polícia e acha que não será pego; já a Fanta, de popularidade inferior à Coca, faz remissão às pancadas com o cacete, pois, nessa condição, o criminoso não será tratado como superior, mas será ridicularizado. A escolha vocabular influenciou no efeito que a notícia produziu. O jogo de palavras

entretreu e aproximou o leitor, uma vez que os famigerados refrigerantes fazem parte do convívio desses leitores.

6. O que a manchete abaixo informa para você, antes mesmo da leitura do corpo da notícia? (ed. 2, p. 6)

Figura 35 – Na base da pedra



FONTE: Jornal SuperPopular, 3 de fevereiro de 2011, edição 2, página 6

---

---

---

RESPOSTAS SUGERIDAS:

Espera-se que o aluno perceba que, na manchete apresentada, relata-se um delinquente que portava uma quantidade considerável de *crack* atestada na expressão ‘na base de...’. Essa formulação é uma gíria largamente utilizada para apresentar algo que existe em grande escala, neste caso, o *crack*. Caso necessário, o professor pode oferecer a informação de que o *crack* é uma droga, geralmente fumada, feita a partir da mistura de pasta de cocaína com bicarbonato de sódio, deriva do verbo inglês *to crack* - quebrar. A droga ilícita recebeu esse nome por ser comercializada em pedras que, quando queimadas, produzem um barulho como se estivesse se quebrando.

O jornal noticiou que um adolescente de apenas 15 anos estava com 32 pedras de *crack* (estava na base da pedra) e faz questão de explorar tal fato criando além da manchete, mais dois subtítulos para atrair ainda mais o seu leitor: (a) “Adolescente é preso com 32 pedras de *crack*. Ele tem apenas 15 anos”; (b) “O garoto foi preso por acaso. Na segunda, dia 31, os policiais foram chamados para resolver uma confusão na Luzia e acabou prendendo o adolescente com a droga”.

Neste caso, os dois subtítulos enfatizam a anormalidade do acontecimento, por ser o criminoso um menor de idade e estar portando uma grande quantidade da droga.

## 7. Leia a manchete a seguir. (ed. 35, p. 6)

Figura 36 – Maconheira na geladeira é fria



FONTE: Jornal SuperPopular, 22 de setembro de 2011, edição 35, página 6

### QUESTÕES NORTEADORAS:

- Na manchete acima, o jornal cria um trocadilho com duas palavras. Quais são elas?
- Qual o sentido da palavra ‘aviõezinhos’ da manchete?
- Que efeito de sentido é criado na manchete?

---

---

---

---

### RESPOSTAS SUGERIDAS:

O trocadilho criado pelo jornal envolve os vocábulos: ‘Santos Dumont’ e ‘aviõezinhos’. Para alcançar o humor, o jornal valeu-se dessa informação e da gíria ‘aviãozinho’ que remete ao indivíduo que transporta drogas para alguém, pratica a venda de drogas, além de ser o responsável por avisar aos traficantes da presença da polícia. Além disso, esta manchete exige um conhecimento histórico: saber quem foi Santos Dumont, o inventor do avião. O bairro homônimo, localizado na periferia de Aracaju, é um cenário de comercialização de drogas e, sendo assim, o fato de Santos Dumont ter criado o avião é instrumento de escárnio, juntamente com o sentido



figurado de ‘aviãozinho’. Assim, a manchete só possui humor por conta do nome do bairro que aconteceu a notícia – Santos Dumont.

8. A partir da manchete que segue, responda as questões abaixo. (ed. 33, p. 7)

Figura 37 – Prendeu três, pode pedir música



FONTE: Jornal SuperPopular, 8 de novembro de 2011, edição 33, página 7

#### QUESTÕES NORTEADORAS:

- Na manchete acima, há um *deslocamento de sentido* com relação à expressão “pode pedir música”. Ela é usada num outro contexto. Qual é?
- Que efeito de sentido você criou a partir da manchete?
- No contexto normalmente utilizado, pedir música é colocado de maneira positiva. Acontece o mesmo com a manchete?

---

---

---

---

#### RESPOSTAS SUGERIDAS:

Espera-se que o aluno reconheça a expressão por ser largamente utilizada no programa dominical da Rede Globo, Fantástico. O contexto original é o futebolístico e o jogador de futebol que marca 3 (três) gols tem direito de pedir uma música que é tocada enquanto sua façanha é reprisada.

Na manchete, ao invés de vir no caderno esportivo, vem no caderno policial e cria o trocadilho com ‘prendeu três’ para noticiar que, num mesmo dia, três mandados de prisão foram feitos por tráfico de drogas.

O aluno pode achar a manchete engraçada e/ou interessante e o professor tem de ter o cuidado de atentar para o fato de que ‘pedir música’ no jornal é usado num contexto sério – caderno policial – e no programa de televisão é posto de maneira descontraída. O professor deve chamar a atenção do aluno para a banalização do ato.

**9. Leia a manchete que segue. (ed. 42, p. 4)**

**Figura 38** – A casa do pedreiro caiu



**FONTE:** Jornal SuperPopular, 10 de novembro de 2011, edição 42, página 4

**QUESTÕES NORTEADORAS:**

- **A manchete acima causa espanto se for interpretada literalmente. O que causou esse estranhamento?**
- **Uma gíria foi utilizada com o objetivo de causar um efeito de sentido X. Qual a gíria e que efeito foi criado?**

---

---

---

---

**RESPOSTAS SUGERIDAS:**

O espanto é causado porque o pedreiro é o profissional que trabalha com construções de casas e edifícios, mas na manchete, se for interpretada sem o deslocamento, ele tem a própria casa caída, pondo em prova o seu trabalho.

No entanto, procura-se relacionar a manchete com a gíria ‘a casa caiu’, que define uma situação inaceitável que foi descoberta, deixando o sujeito sem chances de se safar. O pedreiro em questão também fazia parte do tráfico de drogas e, num certo momento, foi pego pela polícia, ou seja, a casa caiu para ele. Mais um exemplo da banalização de notícias sérias.

**10. A partir da manchete a seguir, responda as questões norteadoras. (ed. 39, p. 12)**

**Figura 39 – Se essa rua fosse minha**



**FONTE:** Jornal SuperPopular, 20 de outubro de 2011, edição 39, página 12

**QUESTÕES NORTEADORAS:**

- A manchete acima traz um *deslocamento de sentido* de que ordem? Por quê?
- Qual o efeito de sentido gerado pela manchete?

---



---



---



---

**RESPOSTAS SUGERIDAS:**

Para resolução destas questões, o professor deve explicar com exemplos os tipos de *deslocamentos de sentido*. Feito isso, o aluno deve ser capaz de identificar o *deslocamento de sentido* por substituição de um vocábulo por outro.

Para chegar a tal conclusão, o aluno deve reconhecer que na manchete houve a utilização de um trecho de uma canção infantil – “Se essa rua fosse minha, eu mandava ladrilhar” que se substituiu ‘ladrilhar’ por ‘asfaltar’ para criar um efeito maior do que apenas dizer que as ruas de determinado bairro precisam de reparos para os moradores conseguirem trafegar com segurança.

**11. Responda as questões norteadoras a respeito da manchete que segue. (ed. 106, p. 11)**

**Figura 40 –** Porque banheiro não tinha ali



**FONTE:** Jornal SuperPopular, 31 de janeiro de 2013, edição 106, página 11)

**QUESTÕES NORTEADORAS:**

- A manchete acima traz um *deslocamento de sentido* de que ordem? Por quê?
- Qual o efeito de sentido gerado pela manchete?

---



---



---



---

**RESPOSTAS SUGERIDAS:**

Assim como a manchete anterior, para resolução destas questões, o professor deve explicar com exemplos os tipos de *deslocamentos de sentido*. Feito isso, o aluno

deve ser capaz de identificar o *deslocamento de sentido* por substituição de um vocábulo por outro.

Para chegar a tal conclusão, o aluno deve reconhecer que na manchete houve a utilização de um trecho de uma canção infantil – “Ninguém podia fazer ‘pipi’, porque penico não tinha ali” que se substituiu ‘penico’ por ‘banheiro’ para criar um efeito maior do que apenas dizer que os moradores de um novo bairro da cidade de Aracaju, Sergipe estão sem condições de saneamento básico.

12. Responda as questões norteadoras a respeito da manchete que segue. (ed. 45, p. 12)

Figura 41 – Bragaçada



FONTE: Jornal SuperPopular, 1 de dezembro de 2011, edição 45, página 12

### QUESTÕES NORTEADORAS:

- A manchete acima cria um neologismo a partir de uma palavra já existente e utilizada na notícia. Qual a relação entre elas e o que este neologismo quer dizer?
- Há um *deslocamento de sentido* na manchete? Se sim, que ordem? Qual o efeito de sentido gerado pela manchete?

---

---

---

---

## RESPOSTAS SUGERIDAS:

Espera-se que o aluno perceba a relação que o jornal faz entre a escola Murilo BRAGA e a gíria ‘bagaçada’, que se refere a algo ruim, de baixa qualidade ou sem ordem. Há, então, um *deslocamento de sentido* por adição porque a palavra Braga é complementada pelo sufixo ‘-çada’.

Mesmo sem ler a notícia por completo, o discente é capaz de perceber que o jornal não noticiará uma informação bem sucedida por reconhecer a gíria e conhecer seu valor negativo.

### 13. Responda as questões norteadoras a respeito da manchete que segue. (ed. 39, p. 4)

Figura 42 – O pau comeu



FONTE: Jornal SuperPopular, 20 de outubro de 2011, edição 39, página 4

## QUESTÕES NORTEADORAS:

- A manchete acima traz um provérbio. Seu efeito subverte ou capta a ideia original do provérbio?
- Qual o efeito de sentido gerado pela manchete?

---

---

---

---

## RESPOSTAS SUGERIDAS:

Neste exemplo, há a estratégia de captação, pois seu valor semântico converge com o sentido original do provérbio. O contexto utilizado é o mesmo do original – escolar –, mas a diferença diz respeito ao infrator, ele não é um aluno que cometeu alguma falha durante a aula, mas um infrator se passando por aluno. A manchete mantém o provérbio sem que haja acréscimo ou suspensão de algum vocábulo para noticiar que um jovem estava se passando por estudante, usando uniforme escolar para se aproximar de alunos e assaltá-los. O provérbio original é utilizado como ameaça àqueles que não cumprem suas tarefas completamente, fazendo menção às escolas “de antigamente” que puniam alunos que não finalizavam suas atividades satisfatoriamente por meio de palmatórias. Hoje é usado para expressar que uma tarefa, promessa ou ação não cumprida trará consequências negativas para o agente.

### 14. Responda as questões norteadoras a respeito da manchete que segue. (ed. 39, p. 13)

Figura 43 – Pão nosso de cada dia



FONTE: Jornal SuperPopular, 20 de outubro de 2011, edição 39, página 13

### QUESTÕES NORTEADORAS:

- A manchete acima traz um provérbio. Seu efeito subverte ou capta a ideia original do provérbio?
- Qual o efeito de sentido gerado pela manchete?

---

---

---

---

## RESPOSTAS SUGERIDAS:

Neste exemplo, há a estratégia de subversão, pois seu valor semântico é modificado em relação ao sentido original do provérbio. O provérbio ‘Pão nosso de cada dia’ é um enunciado que faz parte da memória coletiva dos alunos por ser parte de uma oração – Pai Nosso.

Na oração, pede-se que o pão – alimento – não falte à mesa do que suplica, e, na manchete, há a denúncia do aumento da farinha de trigo, um dos ingredientes usados na fabricação do pão, mas há a comemoração por este aumento ainda não ter atingido o preço do pão, posto como significativo no orçamento familiar, garantindo o ‘pão nosso de cada dia’.

### 15. Responda as questões norteadoras a respeito da manchete que segue. (ed. 106, p. 7)

Figura 44 – Meu partido é um coração partido



FONTE: Jornal SuperPopular, 31 de janeiro de 2013, edição 106, página 7

### QUESTÃO NORTEADORA:

- A manchete acima traz o trecho de uma canção. Qual o efeito de sentido gerado pela manchete ao se utilizar dela?





---

---

## RESPOSTAS SUGERIDAS:

Espera-se que o aluno perceba o deslocamento que o jornal cria ao se valer de palavras semanticamente opostas. O gari é o profissional responsável por cuidar da limpeza dos espaços públicos da cidade, logo, da sua profissão espera-se limpeza.

No entanto, na manchete, ‘Gari era a maior sujeira’, o jornal o relaciona com sujeira, seu oposto. Mas a ‘sujeira’ utilizada na manchete não deve ser interpretada de forma literal, uma vez que, neste caso, ela assume o sentido da gíria homônima, que é definida como uma pessoa ou situação complicada e de pouca confiança.

Então, o gari era uma ‘sujeira’ por estar envolvido no tráfico de drogas. O apelo imagético deve ser levado em conta e diz muito sobre a notícia, afinal, é uma grande quantidade de droga ilícita.

### 17. Responda as questões norteadoras a respeito da manchete que segue. (ed. 2, p. 8)

**Figura 46 – Droga de casal**



**FONTE:** Jornal SuperPopular, 3 de fevereiro de 2011, edição 2, página 8

### QUESTÕES NORTEADORAS:

- A manchete traz a palavra ‘droga’ que pode ter dois sentidos. Quais são eles?
- Que tipo de efeito de sentido essa ambiguidade causa ao leitor?

---

---

---

---

RESPOSTAS SUGERIDAS:

O casal traficante de drogas foi apreendido pela polícia por posse ilegal de drogas. Obtém-se o humor, neste caso, com a utilização da gíria ‘droga’, conotativamente ‘algo que não presta, sem valor’ e relacioná-la ao meio de subsistência do casal – a venda de drogas. Ao usar vocabulário chulo, há uma depreciação dos agentes da infração, levando o leitor a uma comunhão de ideias. A imagem ilustrativa, de perfil frontal, desfocada e em estilo de inquérito, propõe uma ridicularização ainda maior da ação frustrada do casal.

**18. Responda as questões norteadoras a respeito da manchete que segue. (ed. 33, p. 6)**

**Figura 47 – Fermento é uma droga**



**FONTE:** Jornal SuperPopular, 8 de setembro de 2011, edição 33, página 6

**QUESTÕES NORTEADORAS:**

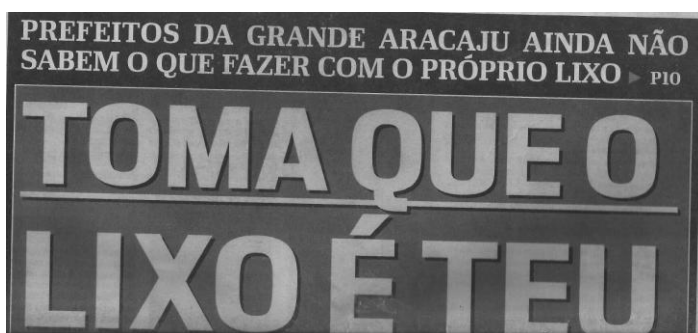
- A palavra ‘fermento’ vem entre aspas na manchete. Qual a razão?
- A palavra ‘droga’ faz menção a dois sentidos. Quais são eles?
- Que tipo de efeito de sentido isso causa ao leitor?

## RESPOSTAS SUGERIDAS:

A droga citada na manchete faz menção a dois elementos: a cocaína e a gíria. A gíria utilizada significa algo que não presta, sem valor e, por isso, digno de desprezo, e o fermento já é uma alcunha para a droga. A fim de obter mais lucros com a venda de cocaína, traficantes costumam misturá-la com fermento em pó e outras substâncias e, na manchete, fermento aparece entre aspas evidenciando o sentido conotativo do vocábulo em questão: o leitor deve saber que o fermento, no contexto, não é um composto químico que dá levedura à massa a que se mistura, mas a cocaína. Ao ler a manchete, o leitor já sabe do que se trata a notícia, mesmo que sem detalhes.

### 19. Responda as questões norteadoras a respeito da manchete que segue. (ed. 35, p. 1)

**Figura 48** – Toma que o lixo é teu



FONTE: Jornal SuperPopular, 22 de novembro de 2011, edição 35, página 1

## QUESTÕES NORTEADORAS:

- A manchete rememora um enunciado já consolidado na memória social do aluno. Qual enunciado é esse?
- Há um *deslocamento de sentido* de que ordem? Explique.
- Que tipo de efeito de sentido isso causa ao leitor?

---

---

---

---

## RESPOSTAS SUGERIDAS:

O enunciado acima faz referência ao enunciado ‘Toma que o filho é teu’. Esta frase é comumente proferida quando o enunciador quer abrir mão da responsabilidade de algo, deixando para o coenunciador o encargo da função, não necessariamente um filho propriamente dito. A manchete traz a troca do vocábulo ‘filho’ por ‘lixo’, criando um *deslocamento de sentido* por substituição.

Há uma denúncia pelo fato de o lixo estar sem destino e os prefeitos da Grande Aracaju não saberem o que fazer com ele. Fica implícito o despreparo dos governantes ao não saber lidar com essas questões públicas.

## 20. Responda as questões norteadoras a respeito da manchete que segue. (ed. 35, p. 4)

Figura 49 – Policial de folga prende ladrão folgado



FONTE: Jornal SuperPopular, 22 de novembro de 2011, edição 35, página 4

## QUESTÕES NORTEADORAS:

- A manchete faz um jogo linguístico com dois vocábulos de sonoridade parecida e radical de mesma origem. Quais são elas e que tipo de efeito este deslocamento lhe causa?

---

---

## RESPOSTAS SUGERIDAS:

A manchete pode levar ao risível por criar um jogo de palavras com ‘folga’ e ‘folgado’. Apesar de possuírem o mesmo radical *folg-*, as duas palavras têm valores semânticos diferenciados. No caso de ‘folgado’, é utilizado para designar uma pessoa que costuma se aproveitar da boa vontade dos outros, que não tem limites. Já ‘folga’ caracteriza um intervalo no trabalho.

O policial noticiado não estava a serviço da polícia, mas presenciou uma infração e valeu-se de sua autoridade para prender o infrator. O infrator, por sua vez, é retrado pelo jornal como uma pessoa que não contava com a ação do policial, era ‘folgado’. O efeito de sentido é causado pela semelhança sonora e gráfica das palavras ‘folga’ e ‘folgado’.

## 21. Responda as questões norteadoras a respeito da manchete que segue. (ed. 2, p. 10)



(FONTE: Jornal SuperPopular, 3 de fevereiro de 2011, edição 2, página 10)

## QUESTÕES NORTEADORAS:

- A manchete traz um enunciado já conhecido pelo leitor, mas com uma troca vocabular. Explique.
- Além disso, cria um *deslocamento de sentido* que capta ou subverte a ideia original do provérbio? Por quê?

---

---

---

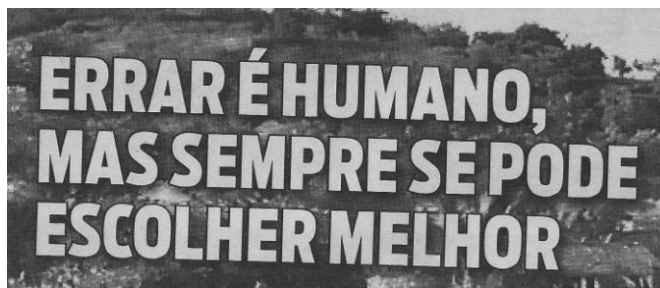
---

RESPOSTAS SUGERIDAS:

A manchete aparece com o provérbio ‘Lugar de pedestre é na calçada’ com modificações vocabular e semântica. A palavra ‘calçada’ foi permutada por ‘rua’, trazendo sentido completamente diferente do original, mas esse artifício não é dado gratuitamente. O jornal fez este *deslocamento de sentido* por substituição para denunciar o abandono de entulhos e materiais de construção nas calçadas de bairros da capital sergipana, contrariando a ideia de trânsito internalizada de que os carros trafegam nas ruas e os pedestres nas calçadas.

**22. Responda as questões norteadoras a respeito da manchete que segue. (ed. 34, p. 2)**

**Figura 50** –Errar é humano



**FONTE:** Jornal SuperPopular, 15 de setembro de 2011, edição 34, página 2

**QUESTÕES NORTEADORAS:**

- A manchete cria um *deslocamento de sentido* de que ordem? Por quê?
- Que efeito de sentido é causado pelo jornal?

---

---

---

---

## RESPOSTAS SUGERIDAS:

O provérbio “Errar é humano” é largamente conhecido pela memória social dos alunos. Sugere-se que o professor amplie este conhecimento informando a autoria deste provérbio e atente os alunos para o fato do uso semântico dos provérbios em que, muitas vezes, sua origem não interfere no seu uso e na sua compreensão.

A origem do provérbio é atribuída ao escrito latino Sêneca (4 A.C. – 65 D.C.) e atenta para a imperfeição do ser humano, mas não a vê como pretexto para cometer novos erros ou manter antigas falhas.

O *deslocamento de sentido* é atingido pela adição de novos vocábulos – mas sempre se pode escolher melhor. O jornal denuncia os governantes e, mesmo que indiretamente, mostra suas posições políticas e tendencia o leitor a seguir a mesma vertente.

### 23. Responda as questões norteadoras a respeito da manchete que segue. (ed. 39, p. 6)

Figura 51 – Aviãozinho e piloto



FONTE: Jornal SuperPopular, 20 de outubro de 2011, edição 39, página 6

## QUESTÕES NORTEADORAS:

- As palavras ‘aviãozinho’ e ‘piloto’ assumem seu sentido original na manchete. Justifique.
- Que efeito de sentido é causado pelo jornal?

---

---



---

---

## RESPOSTAS SUGERIDAS:

As duas palavras em seu sentido original fazem parte do cenário aeronáutico, como o meio de transporte aéreo e o profissional que o manipula, respectivamente. No entanto, existem gírias específicas para o tráfico de drogas e seus envolvidos e o jornalista se utilizou de duas delas: ‘aviãozinho’ e ‘piloto’, que têm como sentido, respectivamente, ‘indivíduo que repassa drogas, pratica a venda de drogas, ou apenas transporta para alguém’ e ‘o dono da boca de fumo, local onde a droga é revendida’. O jornal fez um jogo de palavras do mesmo universo ‘aviãozinho’ e ‘piloto’, em seus sentidos literais, para criar uma ambiguidade.

O jornal pressupõe que o seu leitor saiba o que cada gíria quer dizer e, mais uma vez, expõe uma notícia ocorrida num bairro de periferia, Marcos Freire II, município de Nossa Senhora do Socorro, grande Aracaju. Dificilmente um jornal tradicional usaria essas gírias em suas notícias, pela linguagem mais formal, própria do texto jornalístico.

### 24. Responda as questões norteadoras a respeito da manchete que segue. (ed. 2, p. 7)

**Figura 52 – Salsa dançou**



**FONTE:** Jornal SuperPopular, 3 de fevereiro de 2011, edição 2, página 7

### QUESTÕES NORTEADORAS:

- O substantivo ‘salsa’ e o verbo ‘dançar’ fazem parte do mesmo universo. Há alguma relação na manchete acima? Justifique.
- Que efeito de sentido é causado pelo jornal?

---

---

---

---

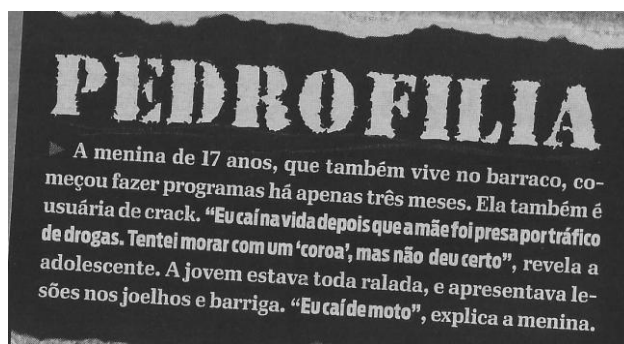
## RESPOSTAS SUGERIDAS:

As duas palavras em seu sentido original fazem parte do mesmo cenário. É interessante o professor contextualizar a salsa como um tipo de dança que “nasceu na Ilha de Cuba, mais propriamente em Havana, no interior dos famosos *cabarets* cubanos, na década de 40. Ela é uma mescla de vários temperos musicais, daí ser batizada com o termo que se refere aos condimentos gastronômicos que dão mais sabor ao alimento”.<sup>5</sup>

O termo ‘dançou’ não faz referência à salsa, ao menos não literalmente, mas quer que o leitor faça essa ligação, mesmo sendo seu objetivo informar que Salsa, apelido do infrator, entrou numa situação ruim, sendo caracterizada pela gíria ‘dançar’.

### 25. Leia a manchete abaixo. (ed. 33, p. 12)

Figura 53 – Pedrofilia



FONTE: Jornal SuperPopular, 8 de setembro de 2011, edição 33, página 12

## QUESTÕES NORTEADORAS:

- O jornal cria um neologismo na manchete. Quais referências são feitas nela? Justifique.
- Que efeito de sentido é causado pelo jornal?

---

<sup>5</sup> Informação extraída do site *Infoescola*. Disponível em <<http://www.infoescola.com/danca/salsa/>> Acesso em: 03 jun. 2015.

---

---

---

---

#### RESPOSTAS SUGERIDAS:

Na manchete acima, o jornal faz duas denúncias, a pedofilia e o uso de drogas. Espera-se que a notícia seja retrada de maneira séria pelo professor e que dê lugar a uma discussão isenta de preconceitos e sensível quanto aos jovens que vivem sem condições mínimas de segurança e saneamento básico, e passam por diversas intempéries.

Houve um jogo vocabular ao unir palavras como ‘pedofilia’ e ‘pedra’, fazendo referência às pedras de *crack*, droga ilícita e de fácil dependência. A compreensão do assunto da notícia apenas pela manchete é de fácil percepção, mesmo sem a leitura do corpo da notícia.

Discussões como inclusão social devem pautar a análise desta manchete, ampliando a expectativa de que aulas de LP são direcionadas apenas para questões metalinguísticas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A necessidade de uma prática de ensino de leitura crítica de língua materna envolve a análise linguística como instrumento social. Neste trabalho, pudemos perceber o uso da língua numa perspectiva contextualizada e emancipadora a partir de discursos metafóricos em notícias de um jornal popular. Sob a visão da teoria polifônica de Bakhtin (2010), comprovamos a presença de vozes anteriores a esse discurso, que o influenciam de tal forma a ser peça-chave no momento da inteligibilidade do leitor e a possibilidade de ser voz em discursos consequentes.

Pudemos notar que a linguagem coloquial e que leva ao risível só está presente nas manchetes, ou seja, são dois enunciadores diferentes que atraem seus leitores por meio do humor e quando conseguem ‘trazê-lo’ para a notícia completa, perde esse tom, fato compreensível por conta da credibilidade que o suporte precisa passar.

Os recursos intertextuais rememoram provérbios de conhecimento do público com alterações de diversos cunhos, como fonético, semântico, sintático, corroborando ou repulsando a ideia original do enunciado primário. Ao identificarem esses provérbios, os alunos/leitores se aproximam do texto e criam o seu efeito de sentido. O gênero textual escolhido confirma a heterogeneidade da língua ao valer de artifícios intertextuais para efetivar a compreensão e criação do efeito de sentido.

Pensamos que este trabalho tenha contribuído para o ensino-aprendizagem de LP, com foco na leitura crítica, por abordar discussões que fogem da leitura alienadora e sem perspectivas. O aluno lê as notícias, faz as análises e concorda ou discorda da ideologia do jornal, porém consciente da sua responsabilidade social e das implicações da perpetuação de determinados discursos. Para aplicação em turmas de Ensino Fundamental II, sugerimos atividades com questões norteadoras que podem ser adaptadas para outros jornais populares, a fim de informar, tornar a leitura do gênero uma rotina e contribuir com a formação sociocrítica do aluno.

À guisa de conclusão, nosso estudo mostrou que o uso de jornais sensacionalistas em sala de aula podem desenvolver a criticidade e a habilidade dos alunos de criar efeitos de sentido acerca de assuntos que fazem parte do discurso jornalístico relacionados a outros discursos já consolidados em suas memórias sociais.

Esperamos que esta pesquisa e sugestões sirvam de suporte para discussões futuras ligadas ao tema e sua pertinência.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Márcia Franz. *Jornalismo popular*. São Paulo: Contexto, 2006
- ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. *Espreme que sai sangue*. Um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.
- BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6. ed. São Paulo: HUCITEC, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. In: *Problemas de Linguística Geral II*. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1989.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris; OLIVEIRA, Tatiana de. Corrigir ou não variantes não padrão na fala do aluno? In: *Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito* / Stella Maris Bortoni-Ricardo, Veruska Ribeiro Machado (orgs.) – São Paulo: Parábola, 2013.
- BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental.
- \_\_\_\_\_. Programa nacional do livro didático. Edital de convocação para inscrição no processo de avaliação e seleção de coleções didáticas para o PNLD 2011.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *A língua falada no ensino do português*. São Paulo: Contexto, 1998.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Trad. Ângela M. S. Corrêa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- DUCROT, Oswald. *Les mots du Discours*. Paris: Minuit, 1980, p. 93 – 130.
- \_\_\_\_\_. *Le dire et le dit*. Paris: Minuit, 1984. p. 171 – 210.
- FAUSTO NETO, A. *Mortes em derrapagem*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 2000.
- FUCHS, C. *La paraphrase: une pratique textuelle*. Paris: ADAPT, 1994.
- GRÉSILLON, A. e MAINGUENEAU, D. *Polyphonie, proverbe et détournement, ou un proverbe peut en cacher un autre*. *Languages* 73, v. 19, Paris, 1984, pp. 112-115.
- GOMIS, L. *Teoria del periodismo: cómo se forma el presente*. México: Paidós, 1991.

- GRICE, H. P. *Logical and Conversation*. Unpublished MS. Of the William James Lectures, Harvard University, 1967
- HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- JÚNIOR, R. Magalhães. *Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Documentário, 1974.
- KOCH, Ingedore Villaça & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- KOCH, Ingedore Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- KOCH, I. V., BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. *Intertextualidade – Diálogos Possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007.
- KOCH, Ingedore Villaça. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- LABOV, W. Some sociolinguistics principles. 2003. In: GÖRSKI, Edair M.; FREITAG, Raquel M. K. *O papel da sociolinguística na formação dos professores de Língua Portuguesa como língua materna*. Apresentação de comunicação oral.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *O capital da notícia*. São Paulo: Ática, 1986.
- MEDEIROS, João Bosco. *Redação Científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- MESERANI, Samir. *O intertexto escolar: sobre leitura, aula e redação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1998.
- MIRANDA, Flávia da Silva. *Aqui uma Super Notícia: o leitor convocado por dois jornais populares de Belo Horizonte*. Anais do I Ecomig, PUC-Minas, Belo Horizonte, julho de 2008.
- PINTO, Manuel. *O problema do sensacionalismo*. Disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=278voz005>> Acesso em: 26 de junho de 2015.
- POSSENTI, Sírío. *Os humores da língua*. Análises lingüísticas de piadas. Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- RUIZ, João Álvaro. *Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- SANTOS, Leonor Werneck dos. Leitura na escola: como estimular os alunos a ler. In: Kátia Cristina do Amaral Tavares, Sílvia B. A. Becher-Costa, Claudio de Paiva Franco, (orgs). *Ensino de leitura: fundamentos, práticas e reflexões para professores da era digital*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2011. 220 p.

SANTOS, Leusa Cristina Bezerra dos. *A polifonia nas manchetes de jornal*. EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n.1, p. 56-63, nov. 2011.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo. A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional*. Vol. 2. Florianópolis: Insular, 2005b.

VELLASCO, A. M. S. Padrões de uso dos provérbios na sociedade brasileira. In: GÄRTNER, E.; HUNDT, C.; SCHÖNBERGER, A. (Eds.) *Estudos de lingüística textual do português*. Frankfurt am Main: TEM, 2000. p. 267-313.

XATARA, Cláudia Maria; SUCCI, Thaís Marini. Revisitando o conceito de provérbio. In: *Veredas on line*. Juiz de Fora, 2008, p. 33-48. Disponível em <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo31.pdf>

## WEBREFERÊNCIAS

Jornal Super Popular. Hipertexto disponível em: <http://www.jornalsuperpopular.com.br/inicio.html> Acesso em: 01 de outubro de 2014.

<http://portal.inep.gov.br/pisa-programa-internacional-de-avaliacao-de-alunos> Acesso em 12 de abril de 2015

<http://www.brasil.gov.br/governo/2014/12/percentual-de-leitores-de-jornal-impresso-permanece-estavel-aponta-pesquisa-brasileira-de-midia> Acesso em 01 de maio de 2015.

<http://www.dicionarioinformal.com.br/> Acesso em 22 de maio de 2015.

[http://www.mpce.mp.br/orgaos/CAOCRIM/legislacao/grupogestordeunidades/girias\\_d\\_etentos.pdf](http://www.mpce.mp.br/orgaos/CAOCRIM/legislacao/grupogestordeunidades/girias_d_etentos.pdf) Acesso em 22 de maio de 2015.